



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**DOCUMENTÁRIOS NO TERRITÓRIO KALUNGA:
ANÁLISE DOS FILMES ENTRE VÃOS E IMPÉRIO E SUAS RAÍZES.**

SIDENI CESÁRIO DE TORRES

Planaltina DF

2014

SIDENI CESÁRIO DE TORRES

**DOCUMENTÁRIOS NO TERRITÓRIO KALUNGA:
ANÁLISE DOS FILMES ENTRE VÃOS E IMPÉRIO E SUAS RAÍZES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Orientador: Profº Felipe Canova Gonçalves.

Planaltina – DF

2014

SIDENI CESÁRIO DE TORRES

**DOCUMENTÁRIOS NO TERRITÓRIO KALUNGA:
ANÁLISE DOS FILMES ENTRE VÃOS E IMPÉRIO E SUAS RAÍZES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Felipe Canova Gonçalves (Orientador)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Boas (Examinador Interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Marcelo Bizerril (Examinador Interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, e por me conceder saúde e força para superar todos os obstáculos e dificuldades durante essa trajetória.

À minha querida irmã *Sineri Torres (in memoriam)* que, com imensa dor e saudade, partiu para outra vida, aos seus 23 anos de idade, mas que, antes dessa triste partida foi para mim uma segunda mãe, aquela que dormia ao meu lado todos os dias, cuidando para que eu pudesse ter tranquilas noites de sono.

AGRADECIMENTOS

Agradeço á Deus, fonte de inspiração, coragem e força ao longo de minha jornada pessoal e acadêmica, por ter concedido saúde e força para superar todos os obstáculos e dificuldades desta caminhada.

Obrigada aos meus irmãos Gerci e Silveri, sobrinhos e primas, em especial a minha prima Lahuana e Priscila por sempre ter me apoiado e incentivado, tios (as), aos meus pais (in memoriam) enfim, toda a minha família. Agradeço também a uma pessoa muito especial e companheira que Deus colocou no meu caminho no momento em que mais precisei o meu querido e amável namorado: Mário Alberto Simonato Altoé.

À Universidade de Brasília (FUP-UNB), PLANALTINA - DF, pelo ambiente criativo e amigável que proporciona aos alunos e também pela oportunidade de acesso ao curso. A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, confiança no mérito e ético aqui presente.

A toda a equipe de direção da LEDOC (Licenciatura em Educação do Campo), aos movimentos sociais por entrarem na luta em busca de uma educação de qualidade para o povo trabalhador.

Ao MEC (Ministério da Educação), a Capes, ao Governo Federal, pela aprovação e implantação de um curso diferenciado e inovador, voltado especificadamente para a educação do campo.

Ao meu orientador Felipe Canova, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, pelo apoio e confiança, bem como seu empenho dedicado à elaboração deste trabalho. Agradeço pela imensa paciência, incentivo, palavras positivas, motivadoras, transmissão de segurança e confiança em meu trabalho. Pela dedicação em compartilhar comigo seus conhecimentos, com ensinamentos ao longo de todo esse trabalho de conclusão de curso. Por ter aceitado o convite para ser meu ilustre orientador, foi um rico aprendizado que levarei comigo por toda a minha vida.

Aos docentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo por proporcionarem-me o conhecimento, manifestação do caráter e afetividade da educação no processo profissional, não somente por terem ensinado a mim, mas por terem mostrado novos caminhos na luta por uma educação de qualidade. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados os quais, até mesmo os que ficaram sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Ao professor Rafael Villas Boas, muito obrigada por ser uma pessoa dotada de princípios e valores morais, voltados para o bem estar social dos menos favorecidos, você professor, me ajudou a reforçar e a manter o meu desejo em lutar pela diminuição da desigualdade social, além de se tornar para mim um exemplo de inspiração para continuar essa luta. Hoje, me torno a cada dia que passa uma pessoa mais humana, companheira e dedicada ao trabalho voltado para o próximo, independentemente de reconhecimentos ou não. Posso dizer com bons olhos, que, hoje tenho você professor, como um exemplo de espelho de luta social, humildade, solidariedade, garra, determinação e incentivo de que, tudo é possível, basta acreditar e ir a luta, não basta apenas falar e nada fazer, é preciso ir além, seguir em frente não esperar que tudo venha a nosso encontro.

Ao Webson, um bom amigo e companheiro de trabalho que me acompanhou durante toda a construção do projeto do audiovisual que resultou em ser escolhido como tema para este trabalho de conclusão de curso. Obrigada imensamente, por ser um incentivador e motivador, em dar continuidade a projetos como este que fizemos, pois logo me proporcionou a oportunidade de participar de outros projetos, como o projeto da AGROECOLOGIA da SNJ (Secretaria Nacional da Juventude).

Meus agradecimentos a todos os colegas da Turma 04 (Panteras Negras) da LEDOC, em especial, amigas companheiras, Lourdes (Bia), Lucinete, Antônia, Cleonice, Josina, Eurotildes, Luciana, Leidiane, José Roberto, Watila, Daiane e Wedna. Companheiros de trabalhos e irmãos na amizade, que fizeram parte da minha formação e que, com certeza vão continuar em minha vida para sempre. A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

A escola de inserção e a comunidade Engenho II pelo apoio e a compreensão no desenvolvimento dos meus trabalhos e nas demandas do curso.

Por fim agradeço a todos os que optam viver no campo e lutar por uma sociedade mais justa e humana.

A linguagem audiovisual atua em uma esfera que conjuga espaço e tempo, locação e deslocamento, o passado, presente e futuro em permanente transformação.

Laura Maria Coutinho

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo ressaltar a importância das produções audiovisuais realizadas no território Kalunga, centrada nas comunidades quilombolas Vão de Almas e Vão do Moleque do município de Cavalcante, Estado de Goiás. Busca-se entender o conceito de audiovisual e sua relevância como instrumento de comunicação, conhecer a realidade de um povo, por meio de suas crenças e festividades religiosas. Aborda em seu contexto um breve relato da Festa do Vão do Moleque e Vão de Almas do território Kalunga, demonstrando o potencial dos festejos e sua simbologia para os moradores da região e ainda analisa os efeitos dos documentários realizados na comunidade. Compara os documentários *Entre Vãos* e *Impérios e suas raízes*, revelando as expectativas da comunidade através de entrevistas na qual visualiza o significado e relevância das produções audiovisuais para a comunidade Kalunga.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, Documentários, Festividades, Império, Kalunga.

ABSTRACT

This research aims to highlight the importance of audiovisual productions held in the Kalunga region, centered on the maroon communities of Souls Go and the Molech of the municipality of Cavalcante, Goiás state. We seek to understand the concept of audiovisual and its relevance as a tool for communication, know the reality of the people, through their beliefs and religious festivities. Approaches in context a brief account of the Feast of Molech and the Go Go Soul of Kalunga region, demonstrating the potential of the festivities and their symbology to the locals and also analyzes the effects of documentaries made in the community. Among compares documentaries and Vain Empires and its roots, revealing the expectations of the community through interviews in which visualizes the meaning and relevance of audiovisual productions Kalunga community.

KEYWORDS: Audiovisual, Documentaries, Festivals, Empire, Kalunga.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 Sítio Histórico Kalunga por Município.....</i>	<i>23</i>
<i>Figura 2: Festejos do Divino Espírito Santo- Vão de Almas- Kalunga.....</i>	<i>25</i>
<i>Figura 3:Festejo Nossa Senhora D'Abadia- Kalunga.....</i>	<i>26</i>
<i>Figura 4: Folia do Divino Espírito Santo – Vão De Almas-Kalunga.....</i>	<i>27</i>
<i>Figura 5: Festejos de Nossa Senhora d'Abadia. Kalunga.....</i>	<i>28</i>
<i>Figura 6:Festejos de Nossa Senhora d'Abadia. Kalunga.....</i>	<i>31</i>
<i>Figura 7: Praça, local dos festejos Kalunga.....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 8: Festejos de N Senhora d'Abadia. Kalunga.....</i>	<i>35</i>
<i>Figura 9: imagens retiradas das cenas do filme Entre-Vãos.....</i>	<i>43</i>
<i>Figura 10: imagens retiradas das cenas do filme Entre-Vãos.....</i>	<i>44</i>
<i>Figura 11: imagens retiradas das cenas do filme Entre-Vãos.....</i>	<i>45</i>
<i>Figura 12: imagens retidas do filme Império e suas Raízes.</i>	<i>54</i>

LISTA DE ABREVIATURAS

CETEC/ FUP	Centro Transdisciplinar de Educação do Campo Faculdade UnB Planaltina
EPOTECAMPO	Associação de Educação do Campo e Comunidades Rurais
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1 - O AUDIOVISUAL, DOCUMENTÁRIO E VÍDEO POPULAR	16
CAPITULO 2 - O TERRITÓRIO KALUNGA E SUA VASTA CULTURA E RELIGIOSIDADE	21
2.1 - A festividade na cultura Kalunga.....	24
2.2 – A simbologia presente nas festividades Kalunga	26
2.3-Festas religiosas Kalunga do Vão do Moleque	29
2.4. Festa religiosa Kalunga do Vão de Almas	33
CAPITULO 3 - AS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS NO TERRITÓRIO KALUNGA:“ENTRE VÃOS” E “IMPÉRIO E SUAS RAÍZES” - UMA ANÁLISE COMPARATIVA.....	35
3.1- Uma análise do filme Entre Vãos.....	37
3.1.1- Detalhamento da análise de imagem e som.	42
3.2 - Uma análise de Império e suas Raízes	46
3.2.1- Detalhamento da análise de imagem e som.	52
3.3 - Entre Vãos e Impérios e suas Raízes: análise comparativa.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXO A: ENTREVISTAS - FILME ENTRE VÃOS	70
ANEXOS B: ENTREVISTAS - FILME IMPÉRIO E SUAS RAÍZES.....	77
ANEXOS C: PAINEL DE IMAGENS DO VÃO DE ALMAS.....	94

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do Campo tem como tema de pesquisa a produção de documentários no território Kalunga. Analisamos dois curtas-metragens produzidos em cursos da Universidade de Brasília, que tratam das comunidades quilombolas: “Entre Vãos” e “Império e suas Raízes”.

O referido tema surgiu da discussão decorrente da nossa inserção no projeto de audiovisual da LEdoC, no qual podemos compreender a importância da utilização do audiovisual no processo de aprendizagem e ensino na educação do campo.

Na tentativa de expor e compreender a cultura e raízes da comunidade Kalunga (Vão de Almas e Vão do Moleque do município de Cavalcante-Goiás), faz-se necessário aprender a história, a cultura e o modo de vida dos quilombolas. Com base na análise fílmica, problematizada por dados obtidos em pesquisa de campo, na qual realizamos entrevistas com os moradores da comunidade, pretende-se elaborar posições e conclusões sobre o tema em questão e a importância em dar continuidade à produção audiovisual no território Kalunga, como valorização da cultura local.

Como metodologia de análise dos filmes selecionados, buscamos trazer a análise fílmica, em conformidade com os pressupostos de Penafria (2009) em *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*, que nos descreve uma abordagem acerca dos conceitos da análise fílmica.

Penafria (2009) ressalta que “analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme” (p.01), descrevendo inicialmente o sentido geral da obra e depois propondo uma interpretação acerca dos mesmos, através da reconstrução dos elementos presentes no filme, para que assim possa ter a possibilidades de articular e formar conceitos a partir das interpretações feitas na análise.

A análise é uma atividade que perscruta um filme ao detalhe e tem como função maior aproximar ou distanciar os filmes uns dos outros, oferece-nos a possibilidade de caracterizarmos um filme na sua especificidade ou naquilo que o aproxima, por exemplo, de um determinado gênero (PENAFRIA 2009, p. 4-5).

Em seus argumentos acerca de como analisar filmes, Penafria (2009) enuncia os tipos de análise, destacando entre eles análise textual¹; análise de conteúdo²; análise poética³ e a análise de som e imagem.

Dentre as perspectivas de análise expostas por Penafria (2009), optamos pelos preceitos da análise de som e imagem para a constituição da análise desta pesquisa, uma vez que a autora expõe em sua linha de pensamento a amplitude que há na análise de som e imagem, pois a mesma vê o filme como um meio de expressão. Oportunizar a análise de imagem e som perpassa pela ideia da mesma apresentar uma amplitude, ou seja, constituir-se de uma estrutura qualificada, uma vez que permite uma análise profunda, buscando a decomposição de trechos selecionados dos filmes.

Nisto, pretende-se adiante fazer uma decomposição do documentário em sequências, entendidas como unidades de ação compostas por cenas. Posicionam os sentidos do visual, sonoro e narrativo, descrevendo a sucessivos acontecimentos e ações dos integrantes da cena, e dos aspectos visuais e sonoros, a presença da linguagem sonora e visual, centralizados na mensagem de pronunciar a temática do filme, a concepção da representatividade do filme. Desta sequência de cenas, selecionamos três trechos para uma análise mais detalhada, priorizando os elementos de imagem e som. Por fim, com a descrição geral e os trechos analisados em detalhe, realizamos uma análise comparativa das duas obras.

A relevância do enunciado da análise de som e imagem, está na capacidade de propiciar a percepção criteriosa do sentido/sonoro, que visa a indagar, a questionar os aspectos visuais e sonoros pertinentes no filme, como também, o sentido narrativo, que se trata da junção da história e do enredo, ou seja, quem conta e como é contada? Nesse sentido, a análise assume uma visão dialética frente ao objeto, pois o filme como objeto oferece as questões e problemas a serem discutidos e interpretados.

¹Tipo de análise considera o filme como um texto. O filme é dividido em segmentos (unidades dramáticas/sintagmas) em geral a partir de momentos que indicam a sua autonomia. (PENAFRIA, 2009, p.5-6).

²Tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme. Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema. (PENAFRIA, 2009, p.6).

³Tipo de análise pressupõe a seguinte metodologia: 1) enumerar os efeitos da experiência fílmica, ou seja, identificar as sensações, sentimentos e sentidos que um filme é capaz de produzir no momento em que é visionado; 2) a partir dos efeitos chegar à estratégia, ou seja, fazer o percurso inverso da criação de determinada obra dando conta do modo como esse efeito foi construído. . (PENAFRIA, 2009, p.6).

Portanto, vemos na análise uma forma de divulgar a necessidade real da comunidade, mostrar como são construídos os discursos sobre ela, e quais as possibilidades do audiovisual no processo de luta do povo Kalunga por uma vida digna no campo.

Assim, por meio desta pesquisa pretendemos apresentar a importância do fortalecimento da cultura local, pois é de suma relevância social, que todos os quilombolas não deixem sua cultura se extinguir, evitando, portanto, a perda de sua própria identidade, pois é triste ver o depoimento dos pais ao falar da falta de interesse dos filhos em seguir a tradição de seus antepassados.

É necessário levar a nossos governantes e à população, uma proximidade maior com a cultura quilombola afro-brasileira, buscando apoios e incentivos para que possam fortalecer e resgatar a memória viva de nossos antepassados que, por longos anos, foram e ainda são vítimas do preconceito e racismo em nosso país. O audiovisual, como ferramenta comunicacional, contribui para contarmos nossa própria história e avançarmos no processo de reconhecimento do legado do povo quilombola.

O presente trabalho se justifica pela relevância social e pelo debate estabelecido em nosso país em torno do tema, como vemos, por exemplo, em: cotas (reservas de vagas em vestibular, concurso, para negros, índios, quilombolas), dia da consciência negra, palestras contra racismo, abolição da escravidão dentre outros. Portanto, a cultura afro-brasileira deve ser fortalecida e não pode ser esquecida. O Brasil passa por um momento de protestos e lutas sociais pelo fim da desigualdade social. É preciso que todos os quilombolas estejam preparados para continuar essa luta.

O aprendizado da utilização do audiovisual nas comunidades quilombola deve se iniciar na escola, com nossas crianças, pois os filhos devem seguir a tradição de seus pais, como valores morais, sentimentais, espirituais, e deixar de se envergonharem de suas origens e cultura. A produção de audiovisual, nesta pesquisa, será abordada por meio de experiências de produção documental.

O uso do audiovisual nas comunidades quilombolas, na perspectiva do vídeo popular, fortalece a construção e a identidade de um povo, cujos costumes e raízes descritíveis de uma ascendência que foram repassadas por gerações, e especialmente os jovens desta comunidade devem conhecer para não se perder a consistência da marca do que significa chamar-se de povo Kalunga.

Embora seja uma linguagem pouco utilizada pelos membros das comunidades quilombolas, acreditamos que o audiovisual deve ser estudado e difundido, para que no

futuro tenhamos uma série de cineastas, fotógrafos, jornalistas, diretores, autores, jovens, adolescentes, idosos, professores, diretores, secretários, coordenadores da educação, autoridades, membros das comunidades Kalunga empenhados na luta pelo não esquecimento de nossa cultura, pelo fim do êxodo rural, pelo fortalecimento da nossa comunidade.

O presente trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro capítulo abordamos o conceito de audiovisual, de documentário e de vídeo popular; no segundo, ressaltamos o território Kalunga e sua vasta cultura e religiosidade e no terceiro analisamos as produções audiovisuais no território Kalunga, fazendo um detalhamento de imagem e som, e posteriormente uma análise comparativa das duas obras.

CAPÍTULO I

O AUDIOVISUAL, DOCUMENTÁRIO E VÍDEO POPULAR

O conceito de comunicação vem sendo ampliado com as novas tecnologias de informação, antes constituída apenas do discurso e meio de comunicação escrita. O rádio e o cinema desde o fim do século XIX devido os efeitos da globalização, abrange as novas tendências das tecnologias informatizadas.

Herreros (1995) ressalta que audiovisual resulta da aglutinação dos termos *áudio e visual*, ou seja, a justaposição de dois termos relativos ao visual e auditivo, como também na captação do som e imagem, uma vez que o audiovisual está associado à percepção sensorial, áudio/ouvido, visão/visual, audiovisual/interação.

Nesta perspectiva é válido enfatizar que o audiovisual designa a relação/interação entre áudio e visual manifestando-se em variáveis meio de comunicação (fotografia, telefone etc.), como também na relação perceptiva de som e imagem, que origina outro produto, uma unidade expressiva (televisão, cinema, vídeo).

Em suas palavras Alves define audiovisual como:

Um sistema que engloba os subsistemas auditivos e visuais que se combinam em múltiplas variáveis. Esta simbiose resulta num sistema novo, que não deve ser encarado como mera justaposição ou combinação híbrida. Ele não é a soma dos seus elementos, mas constrói outra

realidade, qualitativamente diferente. (Alves. 2006, apud Motta 2006, p.13).

É certo então que o audiovisual acarreta uma perspectiva sobre a realidade ao estabelecer a junção do som e imagem.

Mediante isto, é conveniente enfatizar que no audiovisual, encontramos as formas de expressão que constroem os argumentos críticos evidenciados na produção artística dos documentários, dos vídeos populares, onde temos a expressão/descrição da realidade, do fazer conhecer outras realidades distantes do nosso conceito de mundo, realidades da nossa percepção da vida.

Objetivando compreender a significância daquilo que chamamos documentários e com base nas concepções de Bill Nichols, podemos assim iniciar a discussão acerca de documentários objetivando afirmar que todo filme é documentário.

Em seus estudos teóricos Bill Nichols afirma que “existem dois tipos de filme: (1) *documentários de satisfação de desejos* e (2) *documentários de representação social*. Cada tipo conta sua história, mas essas histórias são de espécies diferentes” (NICHOLS, 2012, p.26, *grifos nossos*).

Ainda nesta temática, Nichols (2012), ressalta que os documentários de satisfação de desejos podem ser designados por ficção, pois, “expressam aquilo que desejamos” (p.26), enquanto que por representação social designa não - ficção, uma vez que “representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos”, “tornam-se visíveis e audíveis a matéria de que é feita a realidade social” (p.26),

Seguindo a linha de pensamento de Nichols (2012), compreendemos que em se tratando do documentário é plausível expressar que vivenciaremos “prazer” e “direção”. Nesse dado momento Nichols nos convida a designar documentário, “como simplificação da não ficção de representação social.” (p. 27). “O documentário é um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão da sociedade e registro dos acontecimentos” (ZONADE& FAGUNDES 2003, p.8).

[...] os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2012, p. 27).

Nichols (2012, p.28) declara que “o documentário engaja-se no mundo pela representação”, uma vez que oferece a nós uma representação reconhecível do mundo, através de registros de situações e acontecimentos que podemos ver fora do cinema, enfim, documentário é “reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos.” (p.47).

Nisto, é notório enfatizar que o documentário não reproduz a realidade com fidelidade e sim interpreta e mostra uma possibilidade entre tantas, de representação do mundo no qual estamos inseridos, uma vez que documentário se estabelece no conceito pessoal, uma vez que permitirá uma opinião e isso implica em uma interferência na realidade, ou seja, ele só se define após a edição.

De acordo com Nichols (2012, p.102), “o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos.”. Os documentários apresentam os acontecimentos dinamicamente, persuadindo o público, o interesse, a participação e a consciência crítica.

O vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe ao seu público que a satisfação do desejo de saber seja uma ocupação comum. (NICHOLS, 2012, p.70).

Entendendo o conceito de comunicação (audiovisual), concordamos com Santoro (1989) que entende por vídeo alternativo praticamente todo e qualquer programa de vídeo realizado fora das emissoras de TV, sem qualquer especificidade. Nisto o autor ressalta que:

Com base nessa ampla gama de usos e produções, pode-se conceituar o *vídeo* como: a produção de programas de vídeo por grupos ligados diretamente a movimentos populares; [a] produção de programas de vídeo por instituições ligadas aos movimentos populares para a assessoria e colaboração regular; [a] produção de vídeo, com a participação direta de grupos populares em sua aceção, elaboração e distribuição, inclusive apropriando-se dos equipamentos de vídeo; o processo de exibição de programas de interesse dos movimentos populares, produzidos em vídeo ou utilizando-o como suporte, a nível grupal, para informação, animação, conscientização e mobilização (SANTORO, 1989, p. 60-61).

Então, “uma tentativa de conceituação da expressão ‘vídeo popular’ deve partir, ao nosso entender, do reconhecimento do conjunto das produções e dos modos de atuação dos grupos de vídeo junto aos movimentos populares” (SANTORO, 1989, p. 59).

Assim, o conceito de vídeo popular, como o próprio nome prediz, se remete ao conceito de produções midiáticas que se caracterizam pelo comprometimento com a realidade social, que busca evidenciar de certo modo a mobilização frente a uma denúncia de realidade, mostrando através do vídeo popular a abordagem de algum assunto que perpassa conceitos do meio social.

Tudo isso é, para nós, o vídeo popular. Uma definição abrangente, que tem como referência primordial a prática do uso do vídeo pelos movimentos populares, o volume dessa produção, o seu teor, os grupos que são responsáveis por ela e a exibição de programas comprometidos com a realidade social (SANTORO, 1989, p. 61).

Nesta realidade a população aprende a utilizar estas realidades do vídeo para propagar as opiniões, através de manifestações de comunicação ao nível das bases sociais, estimulando a prática nas ações humanas como componente de luta dos grupos e movimentos populares, uma vez que “o audiovisual não é “poder sobre o povo”, mas sim “ferramenta do povo” (VIVE TV, 2009, p.19)”.

A partir do início da década de 80, com o relativo abrandamento das restrições políticas por parte do *Estado*, há uma intensificação das manifestações de comunicação ao nível das bases sociais, isto é, da comunicação popular, principalmente por meio de jornais, boletins, folhetos, programas de rádio por alto-falantes, programas de vídeo etc. [...] (SANTORO, 1989, p. 59).

Surgiram também os vídeos populares que se tornaram de grande importância, seu crescimento foi tão relevante que facilitou o acesso a todos, chegando, portanto até as populações mais carentes, como é a comunidade Kalunga, dos quilombolas.

O vídeo chega aos grupos e movimentos populares como mais um componente de luta e, por suas características técnicas, adapta-se bem a

projetos de comunicação popular que têm os diferentes grupos sociais como público-alvo, prestando-se desde a simples exibição de programas pré-gravados até a produção de mensagens originais (SANTORO, 1989, p. 60).

Com base nas concepções de Nichols acerca da representatividade do documentário, o mesmo tem sua relevância na reprodução da realidade como feitos para o despertar de uma visão e participação crítica do público em destaque.

O público- alvo, através do audiovisual, tem a oportunidade de reconhecer a sua realidade e participar em busca de interferências que podem constituir oportunidades de melhorias, ou seja, “o vídeo popular precisa ser entendido com essa função social e popular, a nosso serviço, o povo. Dando visibilidade aquilo que anda esquecido pelos grandes meios de comunicação”. (FAGUNDES, 2010, p. 06).

CAPÍTULO II

O TERRITÓRIO KALUNGA E SUA VASTA CULTURA E RELIGIOSIDADE

A história do povo Kalunga destaca-se pela essencialidade da exploração do ouro, que em decorrência os negros sofriam no cativeiro, embora, não devamos esquecer que suas origens encontram-se do outro lado do Atlântico, no continente africano, lugar do sequestro dos mesmos, o que notifica a intensidade do sofrimento atribuído aos negros, arrancados de sua terra para serem martirizados em terras estranhas.

No resgate da memória, sabe-se que em meados do século XVIII os senhores Bartolomeu Bueno e João Leite da Silva começaram uma colonização na região onde hoje está situado o estado de Goiás, nisto, a necessidade de mão de obra para a exploração do ouro. Africanos e africanas foram levados às diversas regiões do Brasil, sendo obrigados a esquecerem de suas origens, expostos então a degradação humana, propícios a uma jornada de exploração humana, lançados à torturas, troncos, chicotes e tantas outras formas de maus tratos.

A escravidão era predominante e por isso também a vontade de liberdade, haviam várias formas de resistência à escravidão, dentre elas, têm-se a formação de quilombos, e, dessas fugas individuais ou coletivas, surgiram as comunidades Kalunga, escondidas entre as serras da região da Chapada dos Veadeiros, um povo marcado pelo sofrimento em busca de liberdade para viver em paz.

A Comunidade Kalunga é a constituição de um povo negro originalmente formado por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro, e adentravam à mata na região da Chapada dos Veadeiros, num dos lugares mais belos e de difícil acesso da região de Goiás, constituindo assim o que conhecemos por quilombo.

De acordo com Moura era denominada quilombo (1981, p, 11) “toda habitação de negros fugitivos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que tenham ranchos levantados e não encontrem pilões neles”, ainda ressalta que “esses ajuntamentos proliferaram como sinal de protesto do negro escravo as condições desumanas e alienadas a que estavam sujeitos”.

Os escravos fugitivos reuniam-se em locais ocultos, montanhosos e de difícil acesso, com o objetivo de se fazerem fortes e viverem livres e independentes, conseguindo, em alguns casos, o estabelecimento de culturas à maneira africana e constituir até colônias quando conseguiam unir-se a algumas negras forras cimarrones, o que era frequente. Os escravos, em tal estado de rebeldia, diziam-se apalencados e os seus retiros, palanques (ORTIZ *apud* MOURA, 1981, p. 11).

De acordo com (BAIOCCHI, 1983 *apud* COSTA, 2013, p.15) “Os Quilombos constituem formas organizacionais onde o africano, em um processo extremo de afirmação, parte da “passividade” e resignação, tão decantadas, para posições de resistência contra o esfacelamento da sua identidade, de seu grupo”.

A formação do povo Kalunga, ocasionou-se a partir das fugas dos escravos. Segundo Costa (2013):

Os negros fugitivos do litoral e do arraial de Cavalcante se escondiam nos grotões e vãos da serra do Vale do Paranã um verdadeiro território africano com clima, fauna e flora apropriados ao povo Kalunga que ali sobreviveu escondido por mais de 190 anos sem contato com a civilização. (COSTA 2013, p.15)

A comunidade Kalunga compreende os limites dos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás, numa área privilegiada caracterizada pelas densas cachoeiras que ocupam uma enorme biodiversidade e é considerado o maior quilombo do Brasil.

A Comunidade Kalunga do nordeste de Goiás é formada por cerca de 5.000 moradores (projeção a ser confirmada no atual Censo do IBGE) distribuídos numa área de 253,2 mil hectares de terra dividida em localidades: Engenho II; Vão da Contenda, Vão do Kalunga, Vão das Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois, e outras; distribuídas em três municípios: Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás (TALARICO, 2011, p. 01).

Com base nos estudos de Baiocchi (1999), os povos designados por Kalunga

vivem em agrupamentos rurais e nas cidades vizinhas. É certo ainda afirmar que em meio à busca e intensificação do saber, conhecer os seus direitos e tê-los adquirido, estes agrupamentos se evidenciaram na luta pelo direito a apropriação da terra.

Por isso, de acordo com (BAIOCCHI, 1999, p. 20 *apud* Mendes, 2007, p.47) “estes agrupamentos foram transformados em categorias de Sítio Histórico Kalunga a partir da Lei Estadual de N°11. 409 de janeiro de 1991”.

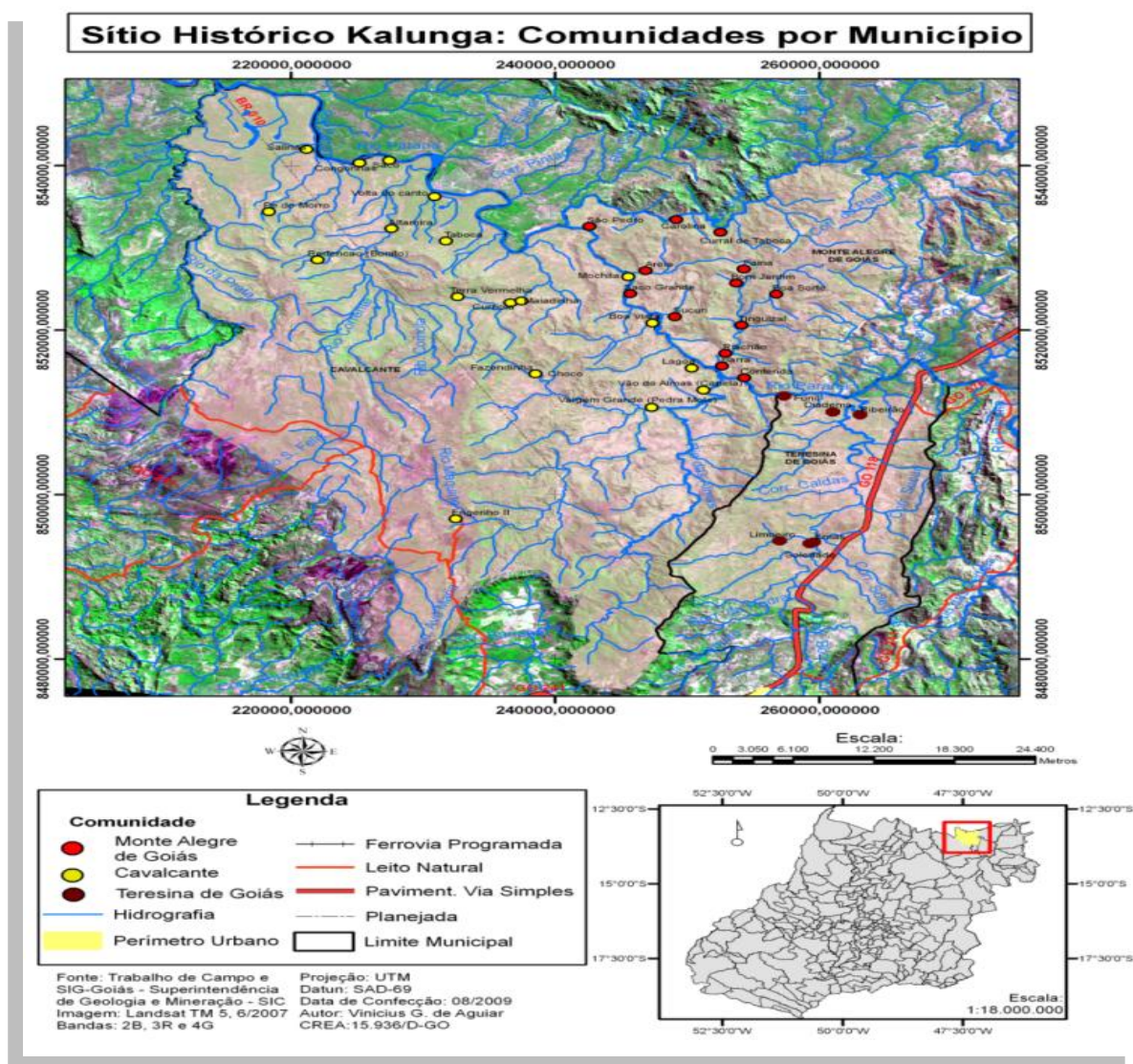


Figura 1 Sítio Histórico Kalunga por Município⁴.

Em consonância com constituição das localidades formadoras da comunidade Kalunga, vale levantar algumas informações acerca das localidades do Vão de Almas, Vão

⁴Aguiar (2011) Disponível em: <https://adontologia.urgente.br/up133/o/vinicius.pdf>.

do Moleque e Engenho II, uma vez que ao longo deste trabalho evidenciarei experiências vivenciadas nestas localidades.

Na maior extensão da comunidade Kalunga, encontra-se um dos principais núcleos, o Vão de Almas, situa-se próximo à cidade de Teresina de Goiás, aproximadamente 80 km. Neste núcleo nos dias 12 a 16 de agosto ocorre a festa da padroeira da região, Nossa Senhora da Abadia, considerada entre eles a mais importante festa do grupo.

Outro núcleo expressivo da comunidade Kalunga é o Vão do Moleque, situado aproximadamente a 160 km da cidade de Cavalcante GO, tem em sua cultura religiosa a festividade que acontece todos os anos, no início do mês de setembro, em volta da praça constrói-se colônias de barracas e ali celebram-se cultos aos diversos santos, dos quais se destaca São Gonçalo.

Em necessidade de objetivar a representatividade das festas na comunidade Kalunga, pretendemos adiante enfatizar as festas no contexto geral para, posteriormente explicar acerca das festas em núcleos específicos da comunidade, mais precisamente as festividades no Vão de Almas e Vão do Moleque assimilando, também, simbologias presentes na festividade.

2.1 - A festividade na cultura Kalunga

As manifestações culturais do povo Kalunga podem ser verificadas, em todo seu vigor, nos eventos festivos e religiosos, tais manifestações são uma aquisição histórica, que atravessam gerações, uma tradição transmitida de pais para filhos “por meio da oralidade que mantém até hoje nas nossas comunidades, onde essas festas que acontecem são devoções aos santos que representam a fé e a cura dos enfermos em cada localidade” (COSTA, 2013, p.57) tendo sua representatividade por meio de rezas, folias e festas.

Nessas manifestações, é visível a herança africana se retornamos as manifestações culturais do continente africano, as veremos impregnadas de uma dimensão religiosa, sagrada.

De acordo com GENOVESE(1988), “para os africanos ocidentais a religião era um aspecto da sociedade, e não simplesmente um dos traços, era a maneira vital da humanidade expressar de modo coletivo sua essência. (p. 315 *apud* MENDES, 2007, p.53)



Figura 2: Festejos do Divino Espírito Santo- Vão de Almas- Kalunga⁵

A festividade tem uma grande representatividade para os moradores da comunidade Kalunga, uma vez que é nas festas que eles compreendem a significância da tradição da própria comunidade, pois a realização das festas permite o momento de encontro das famílias, a festa é o momento “que eles podem sentir que pertencem de fato a uma comunidade, que fazem parte de um povo que tem uma história e uma identidade.” (OLIVEIRA, 2001, p. 19).

A verdade é que os Kalungas, de modo geral, são devotos a inúmeros santos, baseiam-se em um calendário festivo para homenagear seus santos, se autodenominando católicos. Tais festas se realizam durante o ano, em diversas áreas do referido território.

⁵Foto do arquivo da autora (Sideni Cesário de Torres).

As diversidades festivas se presumem nas festas dos Santos Reis, Santo Antônio, São João, Senhora das Neves, Senhora D'Abadia, Senhora do Livramento, Senhora de Sant'Anna, Senhora do Rosário, Santa Luzia, São Simão, São Sebastião, Divino Espírito Santo, São Gonçalo do Amarante e Senhora de Aparecida.

As festas têm por caráter a devoção e a diversão, e seus atos festivos são denominados pelo termo “folia”, na qual Costa (2013) descreve tratar-se de uma cultura tradicional na comunidade Kalunga na qual um grupo de homens visitam as casas tocando cânticos e curraleiras, com músicas alegres, café da manhã, almoço, lanche e jantar oferecidos pelos moradores que recebem os foliões.

São várias folias que se destacam: Folias de santos Reis (01 á 06 de janeiro), folia de Santo Antônio (04 á 13 de Junho), folia de Nossa Senhora das Neves (01 a 05 de setembro), folia de nossa senhora Aparecida (11 a 16 de setembro) de São Sebastião de (11 a 22 de julho) do Divino Espírito Santo. Durante esses dias de giro, os moradores faz uma doação que chamamos de esmolos, que uma forma de agradecer pelos milagres nas suas vidas, a saúde, as farturas nas colheitas obtidas durante o ano (COSTA, 2013, p.58).



Figura 3: Festejo Nossa Senhora D'Abadia- Kalunga⁶

⁶Foto do arquivo da autora (Sideni Cesário de Torres).



Figura 4: Folia do Divino Espírito Santo – Vão De Almas-Kalunga⁷.

Vale ressaltar que nem todas as festas são equivalentes ou semelhantes às folias, em outras ocasiões as festas se resumem a uma noite de festa com rezas⁸.

2.2 – A simbologia presente nas festividades Kalunga

Quanto à simbologia presente nos elementos que compõem as festas na comunidade, é válido enfatizar os símbolos representativos na festa designada “folia”, cuja representação está em elementos peculiares, tais como, a bandeira, o arco na entrada da casa, imagem dos santos, e a comida servida após a ladainha festiva.

⁷Foto do arquivo da autora (Sideni Cesário de Torres).

⁸A sussa, batuques e forró. Toda essa harmonização alegórica da festividade religiosa tem sua importância como ponto de encontro, uma vez que muitos aproveitam a ocasião para encontro de reunir os familiares, os amigos, casamentos, batizados. Durante as festas da Comunidade Kalunga, tudo se posiciona em favor da festa, havendo assim o que podemos chamar de mobilização, isto é, acontece uma paralisação, tudo se posiciona em favor da festividade, havendo assim o não funcionamento nas escolas, e uma reorganização e mudança no ritmo de suas atividades. E por conhecer a região, é notório enfatizar que até mesmo a aglomeração de pessoas tem sua alternância, pois há a concentração de pessoas de determinadas regiões, cidades para participar da festividade.

De acordo com Costa (2013) “Esses símbolos significam o santo presente na festa, ornamentação e a menção a fartura concedida pelos santos de devoção”, por isso, “a imagem dele aparece na bandeira dos foliões, no altar no interior da capela, na bandeira para levantamento do mastro e no ritual do império”.(NEVES, 2007, p 87-90).

Além disso, é considerável que tais símbolos concebam uma vivacidade de embelezamento artificial, que se destacam, respectivamente, na descrição da riqueza de detalhes e valores presentes na cultura desta comunidade, valores estes representados e reafirmados pelas imagens religiosas.



Figura 5: Festejos de Nossa Senhora d'Abadia. Kalunga⁹

A simbologia está presente também nos hábitos religiosos, ou seja, os rituais praticados têm sua reverência, elemento este que representa o hábito da religiosidade e devoção dos Kalungas durante esses eventos festivos.

Neste contexto, podemos destacar “o ato de beijar a bandeira”, os “giros” da folia

⁹Foto do arquivo de Osran Furtado.

na qual os foliões levam a bandeira para as casas da comunidade, as orações, a dança das curraleiras, a sussa, o batuque e o canto das rodas como representação simbólica das crenças pertinentes à nossa comunidade.

Neste panorama, é certo que a dinâmica da festividade Kalunga se constitui em símbolos sagrados, os rituais, as crenças e a ludicidade, elementos estes que permeabilizam o cenário religioso da comunidade.

A expressão simbólica mais importante é a cerimônia do “império”, uma vez que é essencial para o perpetuar da tradição religiosa da festa, “porque cada vez que um morador da região é sorteado, ele assume responsabilidades de ordem moral e religiosa frente à comunidade, ou seja, ele não pode deixar de cumprir as obrigações que a festa exige” (NEVES, 2007, p. 102).

Outro elemento, visível na festa é a comida, para a comunidade a cominância que assume uma significância no ritual do império uma vez que não está associada apenas como uma necessidade material, mas também como algo sagrado. Permite o prologamento simbólico da festividade, isso entende que o elemento da comida permite uma forma de abençoar a festa e sua continuidade, se torna uma simbologia para festa, como se sem ela a festa perdesse um pouco da sua valorização.

Desse modo, toda simbologia se materializa na construção da identidade Kalunga, identidade esta que se constitui nas bases africanas, trazidas nas memórias negras quando ainda submetidos aos grandes porões dos navios negreiros, advinda da travessia do oceano Atlântico, trazendo seus ritos, suas alegrias, suas danças, suas religiosidades, que prevaleceram em meio aos feitos da escravidão e reconstruíram-se nas fugas dos negros para os lugares de difícil acesso afim de ali perpetuar e construir a herança africana, a identidade Kalunga.

2.3-Festas religiosas Kalunga do Vão do Moleque

Seu Florentino, (Filme Império e suas raízes) ¹⁰ revela sobre a cultura de festas religiosas que firmam a identidade desse povo:

O que eu sei dessa festa é o seguinte: há muitos anos, que deve ter mais de duzentos anos, ela foi feita por causa daquele movimento negro que até hoje existem... Embora hoje esteja tudo bem, né? Mas antigamente era muito difícil. Inclusive, a igreja não foi feita naquele lugar. Hoje você chega à igreja e ela não era ali, ela era dentro do mato. Em um lugar bem escondido e que o pessoal daquela região era todo Kalunga, eram todos escravos, eles tinham medo de voltar ao cativeiro.

Quem vem de terras distantes para conhecer as extremidades do território kalunga no agrupamento do Vão do Moleque, logo percebe a presença marcante da religiosidade característica dos moradores locais. Nisto, percebe-se a suma importância da religião com a cultura, pois assim como na África, isso é visível pelas cerimônias, devoções aos santos, tendo, a manifestação uma mistura de aspectos profanos e sagrados.

Vão do Moleque é um núcleo de belezas naturais manifestadas pelas serras e fluxo híbrido provocados por rios e cachoeiras e é nesta graciosidade da mãe natureza, que os Kalungas que residem no Vão do Moleque manifestam a sua festividade religiosa.

A religiosidade é notória na intensificação em que acontecem as festas, que têm em sua marca a manifestação das novenas, das rezas, das brincadeiras, cultuação aos santos, a reivindicação do direito a terra.

Em sua maioria, em Vão do Moleque, os moradores se declaram católicos, sob perspectiva predominante na realização festiva, é evidente que o catolicismo está relacionado simbolicamente, às das figuras dos santos, tendo a máxima adoração aos santos, então é possível dizer que refere-se a um catolicismo popular, onde têm preponderâncias as imagens, as festividades, as folias.

¹⁰Seu Florentino, 68 anos, da Comunidade Vão do Moleque, foi presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) por dois mandatos. Ao transcrever a fala do entrevistado respeitamos a variação linguística e a linguagem cultural existente na comunidade.



Figura 6: Festejos de Nossa Senhora d'Abadia. Kalunga¹¹

Os kalungas do Vão do Moleque vivenciam a religião, como práticas diárias para o fortalecimento, como forma de amenizar as preocupações, e preservação da sua cultura e seus costumes, mantendo-se suas crenças e tradições.

A festa do Vão do Moleque é realizada na área rural do Vão do Moleque, e a mesma ocorre no período de 09 a 18 de setembro, nesta festividade, nota-se um espetáculo em que se misturam questões políticas, comerciais e de lazer.

É sabido que essa festividade organiza-se e caracteriza-se numa espécie de colônias de barracas, ranchos e comércio local aglomeradas próximas à localidade da festa, até da manifestação realizada em volta dos elementos oriundos da simbologia da adoração.

¹¹Foto do arquivo da autora Sideni Cesário de Torres



Figura 7: Praça, local dos festejos Kalunga¹².

A dinâmica destas festividades é marcada por cerimônias e rituais, nas quais símbolos de fé são essenciais para os mesmos, tais como : santos, a folia, levantamentos de mastros e a consagração do Império.

É certo que para os kalungas as imagens são vitais para a festividade religiosa, pois há relação intensa e forte entre os santos e os fiéis, sendo que sem tais imagens era provável que não acontecessem as cerimônias, as imagens representam importância e essencialidade. “No Vão do Moleque são celebrados três santos: São Gonçalo do Amarante, São Sebastião e Nossa Senhora do Livramento”(NEVES: 2007, p 87-90).

Segundo Neves (2007) em Vão do Moleque “ a folia é uma cerimônia pequena, acontece em um único dia no período das nove até às dezoito horas”. Que existe como parte das atividades festivas. Nos rituais, os foliões passam em todos os ranchos rezando e cantando, são manifestos entre crianças e adultos, ações de graças e élouvada com beijos a imagem posta na bandeira.

Além das folias, outra caracterização da festividade de Vão do Moleque, está na realização do Império, sendo a última parte da festa, quando ocorre a consagração do

¹²Foto retirada do filme Império e suas Raízes.

Império, como é visível no filme *Império e suas raízes*, em que podemos perceber que existe toda uma preparação ao realizar a festa do Império.

2.4. Festa religiosa Kalunga do Vão de Almas

Em relação aos festejos do Vão de Almas, sabe-se que as festas acontecem nas primeiras semanas do mês de agosto, festas estas que fazem louvores a devoção a Nossa Senhora da Abadia, a Romaria do Vão de Almas como também pela devoção ao Divino Espírito Santo.

A festa acontece num local que não tem estrada de acesso, tão pouco energia elétrica, como foi possível visualizar no documentario feito pela equipe do *Tem Visita*, quadro pertencente ao programa *Mais Você*, da Rede Globo de televisão. No programa pode-se visualizar o percurso árduo, ora via canoa, ora um percurso a pé. Ainda assim, é notório que a festa reúne pessoas de várias localidades.

A estrutura espacial da festa é destacada no meio da praça junto à igreja cercada por uma quantidade expressiva de ranchos feitos de madeira, barro e telhado de folhas de coqueiro. Vale ressaltar que a localidade da festa é vista como uma mini cidade arquitetada somente durante os festejos, pois são casas de uso temporário.

A festa tem por caracterização a religiosidade e a praticidade de rituais característicos da cultura Kalunga, além de ser marcadda pelo comércio de bebidas e gêneros alimentícios, explica Dona Dainda quando fala sobre o Império. (Filme *Império e suas Raízes*)¹³.

O Império? Fazia o império, fazia esse império que faz hoje durante o dia, antigamente fazia um reinado à noite parecia a mesma coisa, só que era a noite depois mudou para fazer durante o dia, então tem império de Nossa Senhora D'badia, tem o império do Divino.

¹³Dona Dainda Tem 67 Anos Da Comunidade Vão De Almas, Considerada a rainha dos Kalungas.

O Império que se estabelece é o do Divino Espírito Santo e louva a Nossa Senhora d'Abadia, o Império propicia a prática da religiosidade em um contexto coletivo e ao mesmo tempo estabelece a convivência social para a consolidação da cultura local.

Assim como no Vão do Moleque na festa é realizado vários rituais: novenas, levantamento do mastro, a execução da Sussa, as romarias. Sabe-se que toda a estrutura da celebração do império, tem todo um segmento, elementos que enfeitam e encantam a festa, percebe-se que cada detalhe é essencial para os Kalungas, os pequenos detalhes destas festividades têm um aspecto representativo, como é possível verificar na fala da moradora Dona Dainda, que no filme *Império e Suas Raízes*, destaca a importância e a significância até mesmo do papel que jogam sobre o povo que participa da festa.

“Nesse império que faz, agente tem o quadro e tem o pai Disto que fica com o facão, tem a bandeira e tem o que chamamos de pai Disto que é quem conduz o facão. Ai nós começamos a festa no barracão e cortando e enfeitando depois nós pegamos todos esses enfeites levamos a casa do Imperador, ai começamos às oito horas, que é a noite para no dia seguinte ser feito o império.” (Dona Dainda – Filme *Império e suas Raízes*).



Figura 8:Festejos de N Senhora d´Abadia. Kalunga¹⁴

O Festejo do Vão de Almas, também conhecido por Império do Divino, acontece no mês agosto, a festa se caracteriza pelas rezas, terços, construção do rancho, ou seja, uma preparação para, de fato, acontecer a festa.

Numa sequência da festividade acontece o louvado a Nossa Senhora d'Abadia, na qual é evidenciada a coroação do Imperador, ainda fazem os rituais do império e concentram-se em torno da Capela.

Desta forma vemos no jeito simples de ser, na herança cultural de um povo escondido, vivendo suas verdades, convictos no seu modo de viver como caminhos para se alegrar. Esse é o jeito Kalunga, que vivem suas tradições, que se alegram nas suas festividades e age de tal forma para acreditar que tudo se baseia na prática da religiosidade.

¹⁴Foto do arquivo da autora SideniCesario de Torres.

CAPÍTULO III

AS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS NO TERRITÓRIO KALUNGA: “ENTREVÃOS” E “IMPÉRIO E SUAS RAÍZES” - UMA ANÁLISE COMPARATIVA.

A tradição manifesta numa harmonia captada nas lentes da câmera, a revelação características das vozes, a descendência no movimentar dos corpos, em ritmo de dança, reveladas pela tradição histórica de um povo marcado pelo passado escravo, mas que trouxera nas memórias lembranças festivas, as alegrias dançantes, a fé inabalável e o sorriso em meio ao sofrimento, essa é uma breve descrição da cultura Kalunga.

É mais que pertinente documentar a história que relembre os feitos de um povo, que guardou para si mesmo na memória esses feitos do tradicionalismo passado de geração a geração. O acesso aos meios de produção audiovisual contribuiu a fim de fazer conhecer aquilo que estava longe dos nossos olhos, mais precisamente, escondidos entre serras e vãos.

As produções audiovisuais realizadas na comunidade Kalunga, mais precisamente no Vão de Almas, e Vão do Moleque, procuram descrever um contexto da vivência do povo Kalunga, com a presença predominante das festividades Kalunga reveladas nos passos das danças ao som das romarias, entre a sussa e os foliões, entre o alegrar-se e o reverenciar em religiosidade.

A escolha dos filmes *Entre Vãos* e *Império e suas raízes*, surge da necessidade de compreender os discursos fílmicos produzidos sobre o território Kalunga. Ambos os documentários, produzidos em ambiente universitário, carregam em seu contexto a configuração da cultura Kalunga, que embora seja lugares de difícil acesso, há também a herança africana que associada à harmoniosa alegria de celebrar a vida em meio a simplicidade.

As duas obras tratam-se da temática quilombola de maneira distinta. No filme “*Entre Vãos*”, produzido por uma equipe externa à comunidade, é priorizada a descrição dos membros da família Pereira Santiago, oportunizando ao espectador o conhecimento do cotidiano dos mesmos, e assim associando de alguma forma a vida desta família com as vidas dos demais moradores da comunidade Vão de Almas. Já em “*Império e suas Raízes*”,

realizado por uma equipe composta com alguns integrantes pertencentes às comunidades Kalunga, o destaque é a presença coletiva na adoração religiosa até a consagração do império festivo.

3.1- Uma análise do filme Entre Vãos.

Título original: Entre Vãos

Realização: Luísa Caetano

Contexto: trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, na Universidade de Brasília.

Personagens: Família Pereira Santiago

Ano: 2010

Duração: 19 min

O documentário Entre Vãos foi produzido pela diretora Luiza Caetano durante a presença na faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Sua obra demonstra um trabalho significativo e capaz revelar a vida das pessoas na comunidade. Conta no seu depoimento sobre a experiência de realizar o documentário com a família Pereira Santiago:

Foi muito rica a experiência com a família e com a comunidade de forma geral. São pessoas muito receptivas, muito amáveis e te tratam como familiar. Tive contato com outras formas de cotidiano, outro tempo, outro ambiente, o rural. Além da experiência de conhecer e vivenciar o sentido mais nobre da palavra “comunidade”: um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns. Uma comunidade coesa que vive sob a mesma história, com normas e regras próprias no sentido estrito da palavra, local onde as pessoas se ajudam mutuamente, se associa, e estão muito mais próximas que na cidade, por exemplo.

Ainda com seus relatos, a diretora revela a simpatia com a protagonista Lizeni e conta como foi a aproximação com a família:

Fiz um contato inicial para conhecer o Vão de Almas junto à Secretaria de Igualdade Racial de Cavalcante, Goiás. Eles me indicaram um guia que é agente de saúde da região, o Anísio. Fiquei na casa de uma outra família e durante cerca de dez dias, o Anísio me levou para conhecer

famílias e locais importantes na região. Tive um ótimo relacionamento com a família do Anísio, especialmente a filha Lizeni, e nos últimos dias dormi na casa deles. Na volta decidi que as filmagens seriam um retrato daquela família com o foco principal na filha que foram as pessoas que criei maior intimidade durante minha estadia de dez dias no Vão de Almas. Esse foi o primeiro contato que tive com a família e com o Vão de Almas. Cerca de dois meses depois, voltei ao Vão de Almas.

A atitude da diretora em conhecer a família Pereira Santiago, decidir focar na menina Lizeni e retornar após um tempo para fazer as imagens, nos mostra como foi elaborado o processo de construção do documentário sem uma conversa prévia com os personagens de como gostariam que fosse elaborado o documentário sobre a vida daquela família.

No compasso que se descreve as imagens e as linhas do filme Entre Vãos vemos a descrição da vida cotidiana de uma família Kalunga, a família Pereira Santiago. O filme começa com um fundo preto e uma inserção de texto escrito em cor branca, com algumas informações acerca das características do território Kalunga, ou seja, informações essenciais do local onde foi feito o documentário, designando que na língua banto, o termo Kalunga significa lugar sagrado, de proteção, que o mesmo território existe a mais de 300 anos nos vãos, entre as serras da Chapada dos Veadeiros (GO), considerado o maior quilombo rural do Brasil.

O documentário conta a história da família Pereira Santiago, que vive no núcleo do Vão de Almas da comunidade Kalunga. Percebe-se nas cenas do documentário que a respectiva família é a protagonista no documentário em questão.

Entre singelos risos, em consonância com uma espécie de orientação, uma explicação de como utilizar uma filmadora, assim se manifesta as primeiras imagens do filme Entre Vãos.

“Aperta esse botão aqui com esse dedo, não, esse dedo, você segura à câmera aí mesma, está vendo? Apertou?”

“Aham”

“Está vendo que está filmando agora?”

“Aham”

“Lizeni, olhando no espelho, para tirar uma fotografia, um espelho grande, maravilhoso, bonito. Estou filmando dois bonecos, uma mulher e seu esposo, dois bonequinhos um travesseiro um boné de homem”.

Aos poucos se tornam evidentes as imagens feitas por uma criança (Lizeni, de 10 anos), com a câmera na mão à descoberta das coisas e dos objetos das casas. Lizeni percorre por toda extensão da casa a fim de capturar cada imagem, dos singelos cantos de sua casa, explicando cada detalhe, até avistar a janela de seu quarto.

“A candeia acesa. Cirlene com a candeia. Esta é a minha vista da janela que amo tanto na vida que me serve para tampar a boca do meu quarto, para ninguém não entrar e ficar observando”.

A sequência inicial, ou prólogo, termina com a entrada de um som de piano em ritmo lento, enquanto a personagem Lizeni faz uma espécie de autorretrato com a filmadora.

Após os títulos iniciais, começa uma sequência de ações e atitudes dos personagens, que tem como objetivo apresentar os membros da família e suas ocupações no cotidiano. Na primeira cena, Lizeni e Cirlene correm por entre os caminhos que leva ao rio, apresentando um cenário da vida cotidiana dos membros da família Pereira Santiago, visíveis nas cenas no rio, no velejo da canoa, nos sons reproduzidos pelas águas. Cirlene agora está dentro de uma canoa, e com um pet cortado na mão, vai retirando a água da canoa. Lizeni, com remo em mãos lança água sobre a canoa, e logo mais visualizamos ambas velejando na canoa, Lizeni rema enquanto Cirlene avista o cenário natural a sua volta. Lizeni rema encosta perto da areia a canoa, e ali brincam as duas como crianças livres em meio ao isolamento. Depois da brincadeira, saltos na areia, o mergulho no rio, lançando a cantiga do rio, nas braçadas nadantes.

A cena seguinte se passa num quarto em que a realizadora do vídeo pergunta à jovem protagonista como se dá o funcionamento do seu cotidiano, as tarefas atribuídas aos membros da família, os trabalhos efetuados pela mãe.

“Minha mãe pesca, lava as vasilhas, varre a casa, cozinha e enche vasilhas só...”

A cena seguinte descreve as ações das falas de Lizeni, filmada na sua maior parte em planos próximos. Sua mãe se encontra lavando as vasilhas no rio, enquanto as meninas aparecem com iscas e anzol na mão, brincam no rio e a mãe reclama para que as mesmas tenham cuidado, entre risos e gritos. Logo Lizeni passa pelo caminho de volta para casa com a bacia na cabeça.

Novamente deitada na cama, Lizeni passa a descrever e relatar, com alguma dificuldade, as responsabilidades do pai. A cena seguinte, também filmada com planos próximos aos personagens e ao cavalo, é conduzida com uma trilha sonora de ritmo mais ágil. Aparecem os homens da família pela primeira vez, envolvidos no montar e selar o cavalo.

Num olhar expressivo em volta de seu habitat, com a família formada em linha, o Sr. Anísio se apresenta, declarando que é agente comunitário de saúde na região, já há quase três anos. Relata também em sua fala que sua avó e mãe nasceram ali, mantendo-se de geração a geração, e demonstra afeto com a localidade em que reside. Seu Anísio faz apresentação de seus filhos, seus nomes e respectivas idades, e esposa. A cena da casa, avistada pela janela, ligada ao som ambiente de bichos e pelo varrer da casa, em meio ao conversar, ao barulho da panela ao fogo, somam-se a planos da cozinha na hora do jantar. Por fim, Cirlene desenha um gato no chão e logo anoitece.

No dia seguinte, a cena do preparo da farinha envolve todos os filhos e a mãe, desde a pequena criança que vai ao plantio retirar a mandioca, corta-se, lava, rela, e leva ao tapiti, em seguida uma pequena reunião da família frente aos fornos e preparando a farinha. Estão presentes também outros membros da comunidade, mas sua presença pouco explorada pelo filme. É notório que todos conhecem e participam dessa atividade e da sua utilidade para família, destacando-se a simplicidade da explicação de Gilvam sobre esse processo de produção da farinha. Lizeni complementa a fala, comentando sobre a venda do excedente de farinha na cidade, o que constitui um gancho para a próxima sequência.

A terceira sequência, iniciada aos dez minutos de filme, trata da relação da família com a cidade. A primeira cena é um depoimento de Lizeni, deitada em sua cama, no qual começa a relatar acerca da cidade, à ideia de movimento, as suas ideias sobre as pessoas das cidades, atribuindo um contexto positivo.

“Vê muitas coisas na cidade, pessoas da cidade têm educação, aqui a gente, se passa não pisa no pé da gente, se passa pedi licença para a gente, ou passa de uma banda.”

Agora a cena vai para a cidade de Cavalcante, ao som ambiente das propagandas anunciadas ao carro de som, com planos abertos de ruas, casas, mercados, até retornar ao depoimento de Luzeni, que descreve como é a casa da família Pereira Santiago na cidade. A equipe encontra Anísio nessa casa, e é a primeira vez que aparece um plano com toda a equipe de produção. Começa o diálogo com seu Anísio e sua esposa, nessa casa da cidade. Timidamente, Eliza relata uma apreciação pela cidade, a qual é interrompida pelo marido, que relata a facilidade na vida cotidiana pelo acesso à água, o fogão a gás, o que gera uma maior comodidade. A câmera permanece em Eliza durante a fala do marido. Depois, Anísio comenta a possibilidade dos filhos estudarem na cidade, sendo a casa um apoio para isso. Ele relata que um de seus filhos veio para a casa, mas não se adaptou e retornou ao campo.

A próxima cena retorna à casa do quilombo e busca Wanderlan, que justifica, com bastante timidez, sua desistência do estudo pela inadaptação à cidade. Após essa cena, o filme apresenta a escola, em uma cena gravada apenas com os filhos menores da família. Cirlene recorta alguns papéis, com fotos e imagens de uma celebridade, na qual a pessoa que grava pergunta aos mesmos se conhece a pessoa da imagem (Michael Jackson). Nenhuma das três crianças reconhece o cantor para espanto da entrevistadora.

Em uma cena que prepara o final, a fotografia opta por um preto e branco, com uma montagem não-linear que alternou imagens de Luzeni sorrindo no quarto com sons dela recitando poemas de amor infantis. Na cena seguinte, novamente Luzeni encontra-se deitada na cama, e questionada se pretende casar, ela responde que sim, casar ter filhos. A entrevistadora pergunta se Luzeni pretende casar com alguém daquela região ou da cidade, e em sua resposta ela responde “da cidade” (com risadas). Nesse embalo a realizadora do vídeo pergunta por que, ela responde:

“Quero ter um filho branco, risos, um filho educado, um filho do cabelo bom, o meu não é bom, um namorado do cabelo bom, hummm, a tia do cabelo bom, a avó do cabelo bom.”

No final desta cena, Lizeni está em frente ao espelho ajeitando seu cabelo, embalada ao som da mesma música tocada ao piano do início do filme. A cena final é externa, no rio, com imagens de toda natureza, reforçada pelos sons do ambiente mesclados ao piano. Lizeni na canoa a beira do rio, depois um movimento quase que espontâneo e fluído da canoa, passando próximo a Cirlene e Gilvam, dando a entender que seria como a visão da própria Lizeni.

3.1.1- Detalhamento da análise de imagem e som.

Percebemos que a intenção do documentário foi descrever a vida cotidiana de uma família do Vão de Almas, pertencente ao território Kalunga. Como parte da metodologia de análise, detalharemos a descrição realizada anteriormente com a análise de imagem e som de três trechos do filme: a cena das meninas no rio, a cena de Cirlene e os irmãos na escola e uma seleção de falas de Lizeni, quando esta retrata os aspectos da cidade.

A primeira cena selecionada (01'45" a 02'49"), que reinicia o filme após o título em tela preta, apresenta um momento lúdico das duas crianças. Os planos iniciais da cena mostram uma ladeira de areia que leva ao rio, com a descida de Lizeni e depois de Cirleni, ambas correndo. Depois, as duas estão retirando a água de uma canoa, Cirleni com uma garrafa pet e Lizeni com a pá do remo. A cena é filmada em planos o mais próximo possível, abarcando a ação no seu limite. O breve trajeto das duas na canoa até uma prainha alterna planos de conjunto com planos mais abertos, em um uso constante do zoom alto.

A música do piano, em um ritmo lento, cria uma atmosfera melancólica para a cena. Os sons ambientes acompanham a música, marcando as remadas e as brincadeiras, diminuindo sua intensidade aos poucos. O desembarque das duas crianças em uma prainha é filmado aparentemente de uma canoa ou de uma margem distante, que acompanha as brincadeiras (estrelinha) de Lizeni e os acenos de Cirleni, com planos que gradualmente vão se distanciando em câmera lenta. Um corte abrupto para um rápido mergulho de Lizeni e encerrada em um *fade out* prepara a cena seguinte, da entrevista que funciona como uma espécie de fio condutor da obra.



Figura 9: Cenas do filme Entre Vãos¹⁵.

No conjunto, o trecho selecionado descreve a inserção das crianças em seu ambiente natural, revelando uma tranquilidade e uma sensação de crianças livres em sua comunidade. A fotografia aproveita a forte iluminação natural e as cores vivas. Contudo, a montagem sonora remete a uma leitura melancólica da cena, contrapondo àquele contexto lúdico da simplicidade de viver, entre serras e vãos.

O segundo trecho selecionado (15'01" a 16'22") mostra-nos a escola da comunidade, em uma cena gravada apenas com os três filhos menores da família. Uma concepção de negligência do poder público com os quilombolas emerge do ambiente, as cadeiras escassas, a estrutura física da escola em estado precário, revelam logo um descaso e um isolamento.

A descrição da escola abre a cena, filmada em um fim de tarde, com um plano fechado na placa e depois um plano geral da sua fachada. Lizeni, que brinca com uma tesoura, e Gilvam estão sentados em uma sala de aula, aparentemente esperando alguém. Surge uma fachada de outra sala de aula, construída de adobe com telhado de palha. Cirleni entra nesse plano e depois é acompanhada no plano seguinte com uma câmera na mão até o quadro, onde tenta escrever.

O plano seguinte revela o momento mais significativo do trecho. Cirleni está folheando uma revista com fotos de Michael Jackson, sendo acompanhada por uma câmera na mão, bastante próxima à personagem. Começa um diálogo entre a realizadora do filme e

¹⁵ Cenas retiradas do filme Entre Vãos, referente a uma das primeiras partes do filme.

as três crianças, seguida por esta câmera na mão que alterna entre zooms nos personagens e nas fotos da revista.

“ O que tem neste papel?”

“Eu não sei...”

“Pergunta para o Gilvam se ele sabe. Quem é esse Gilvam?”

“Também não sei .”

“Lizeni, sabe quem é esse cara aqui, ó? Olha lá... Esse aqui ó, esse. Sabe quem é esse cara?”

“Não.”

Não sabe?”

“É uma foto.”



Figura 10: cenas do filme *Entre Vãos*¹⁶

Em suma, para as pequenas crianças, a foto do famoso Michael Jackson, conhecido pelo mundo inteiro, nada representava, para espanto da realizadora. A vida Kalunga se fixa ali ao seu modo e a seu ver, nada se revela para ampliar os horizontes, é possível manter a tradição, mas também propiciar recursos que a edifique, que a fortalece e propague, que a sociedade veja através deles mesmo o que a comunidade em si representa, mostra a positividade do lugar, o documentário mostra através da imagem a contradição da vida, a riqueza e a pobreza, embora ricos em aspectos naturais, há a pobreza de conhecimento, no que se refere à busca do conhecimento.

¹⁶Frames das cenas do filme *Entre Vãos*.

No terceiro trecho selecionado, utilizamos duas partes da entrevista de Lizeni. Na primeira (11'07" a 11'22"), ela comenta que:

“Pessoas da cidade tem educação, tem educação aqui a gente, se passa não pisa no pé da gente, se passa pedi licença para gente, ou passa de uma banda.”

O segundo trecho complementa o primeiro (17'16" a 17'37"), com a suposição de Lizeni sobre seu futuro casamento e filhos:

“Quero ter um filhos brancos (risos), um filho educado, um filho do cabelo bom, o meu não é bom, um namorado do cabelo bom, hummm, a tia do cabelo bom, a avó do cabelo bom...”



Figura 11: imagens retiradas das cenas do filme *Entre Vãos*¹⁷.

É interessante a cena que nos leva a pensar o porquê dessa afirmação contraditória na fala da protagonista, porque é perceptível essa generalização preconceituosa a si mesmo. Na imagem gravada num quadro rústico do quarto em que a jovem criança fala como quem fala sem uma reflexão, sem dar relevância às suas palavras, analise que se evidencia é de fato a percepção arguida de um tempo distante, de uma raiz fortificada no ser negro.

A cena, juntamente com a imagem da menina deitada na cama, dialogando e proferindo palavras que nem ela mesma sabe explicar a sua visão, isso nos mostra que, isso

¹⁷ Frames das cenas do filme *Entre Vãos*.

trata de uma realidade trazida do passado, na qual notifica a ideia da inferioridade da estética negra, da concepção da inferioridade lançada na sociedade pela concepção da diáspora do branqueamento social. Na fala da protagonista aparece a deformação atribuída à estética do negro, criando, nos mesmos, a percepção do conceito de inferioridade, atribuindo ao cabelo negro a ideia de ruim.

A atribuição ao povo da cidade como povo educado e ao mesmo tempo dizer que o mesmo povo “passa de uma banda”, traz em si uma contradição. Há uma representatividade da inferiorização pertencente na concepção dos ditos Kalunga, tem-se a evidência da supremacia branca. Como pode um povo isolado, ter a visão que o bom está associado ao branco, e as evidências negativas associadas ao negro, percebe-se que há uma herança advinda de geração a geração. Há uma linguagem formada na qual atribui ao negro, ao homem do campo como minoria, e uma representação de inferioridade, isso é perceptível na expressão do rosto, a própria risada da jovem carrega consigo a marca do preconceito.

Ainda que os personagens em várias cenas não demonstrassem estar sempre à vontade com as câmeras, foi possível acompanhar a vida desta família, como uma representação da vida de muitos moradores daquela região. O documentário traz a nós a concepção de vida Kalunga, que o negativo é um conceito formado pelo não conhecer, tanto da visão pelo povo da comunidade, quanto pelo povo da cidade, por desconhecer a realidade de cada um. E nisto, é visível que há uma necessidade de ampliar conceitos e ações que propiciem melhorias, em que o quilombo tenha voz para expressar através do audiovisual a sua realidade, a sua verdade.

3.2 - Uma análise de Império e suas Raízes

Título original: Império e Suas Raízes

Contexto: Vídeo realizado no Projeto “Tecnologias de informação para análise e produção audiovisual e trabalho com juventude rural no Centro-Oeste”.

Realização: Edinamar Brito, Eriene dos Santos Rosa, Rafael Villas Boas, Sideni Cesário

de Torres e Webson Alencar Dias.

Personagens: Moradores e festeiros do Vão de Almas e Vão do Moleque

Duração: 20 min

O Império e suas Raízes foi produzido pela equipe da Faculdade UnB Planaltina, envolvendo o coletivo de educadores, três estudantes da Licenciatura em Educação do Campo e da Associação dos Estudantes da Educação do Campo, do Território do Quilombo dos Kalunga (EPOTECAMPO) e os moradores da comunidade. A ação faz parte do projeto “Formação de Educadores do Campo para o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação, para análise e produção audiovisual e trabalho com juventude rural no Centro Oeste”, financiado pelo Ministério das Comunicações e pela Secretaria Nacional da Juventude.

Vejamos o depoimento de um dos idealizadores do projeto audiovisual, Prof. Dr. Rafael Villas Boas, que fala da intenção do documentário Império e suas Raízes:

A área da linguagem da licenciatura sempre teve uma preocupação com algumas disciplinas, pela história da tradição do trabalho dos movimentos sociais. Nesse campo estético de não só ensinar a ver, não só ensinar a consumir, a fluir, mas ensinar a produzir, isso é tradição. No nosso caso, no campo de teatro, por conta do teatro do oprimido de transferir os meios de produção pra que o próprio povo possa fazer seu teatro e também no audiovisual porque tínhamos a história da brigada de teatro. A história audiovisual da Via Campesina, do movimento do vídeo popular no Brasil no período de redemocratização. A gente percebia nas aulas de estética que a influencia da indústria cultural era muito grande na vida das pessoas, determina padrão de consumo, determina uma visão idealizada da cidade, enquanto espaço estático, imóvel, então ajuda sedimentar a materialização do êxodo rural e, era necessário que na medida em que as pessoas se apropriassem dos meios de produção pudessem, mostrar pela linguagem do audiovisual, pelo teatro, por outras linguagem. E outro ponto de vista sobre o território sobre as questões positivas e sobre as contradições também, no território, então as pessoas tinham que aprender operar os meios.

Nesse aspecto, a elaboração do documentário Império e suas Raízes propõe que as pessoas da comunidade elaborem sua própria imagem e dominem os meios de produção

para que consigam através da linguagem audiovisual mostrar as questões existentes na comunidade.

A produção audiovisual em destaque explora as imagens e os elementos visuais relacionados à constituição da festividade do Vão de Almas e Vão do Moleque.

O documentário pode ser descrito, ao iniciar no meio da escuridão sob a luz dos lumeeiros, as cenas são em sua maioria a mistura de filmagem e exposição de imagens tiradas da festividade, à medida que o louvado é regido, é notório o encontro na igreja local e em seguida a visualização de fotos das comunidades referentes à festa.

Após os títulos iniciais um grupo de pessoas com os lumeeiros nas mãos seguem em movimento embalado pela sonoridade das cantigas da romaria. Adiante a cena corta-se para a presença dos moradores na capela local entoando sua reza, alguns se encontram sentados, outro em pé, em movimento a cena leva-nos a presença de uma espécie de altar adornada com arranjos florais, a bandeira da folia e a imagem de alguns santos em quadro postos na parede.

Nesse momento, temos as fotos das festas sob o efeito de movimento, articulando a visualização de várias imagens em que vemos os moradores na ladainha com lumeeiros em mãos, imagens que registram os momentos de alegrias, com seus instrumentos em mãos, a adoração aos seus santos, a consagração de suas devoções, na crença religiosas do acender as velas. Após as imagens da festa durante a noite, temos o registro do grande sino, das casas de palhoças em espécie de colônia e a casa do imperador desejando boas vindas a todos que ali estão presentes, os moradores em frente à pequena capela contemplando a saída dos imperadores, e por fim tem a imagem da natureza representada pelo rio entre muitas pedras e arbustos do cerrado.

A sequência começa com entrada de um som de motor de caminhonete, percorrendo uma estrada de segunda chão de terra vermelha, entre as árvores típicas do cerrado, mostrando-nos a formação geográfica por serras e morros, enquanto alguém profere algumas palavras.

“Não sei se me concentro na estrada ou nos morros.”

Na sequência, a filmagem corta para o momento em que a caminhonete percorre pela estrada saindo de uma estrada fechada de encontro com rio, em movimento a caminhonete atravessa o rio, após a travessia, a sequência passa para a localidade da festa,

em que estão presentes as casas de palhoças, editada por um leteiro informativo “cabanas utilizadas somente no período do festejo”, em movimento a câmera percorre toda a extensão da colônia, desde a capela até as casas de palhoças e o salão do império.

A sequência seguinte começa, e nisto vemos as imagens na festividade do império, em que é possível ver pessoas se alegrando e dançando, ao som dos tambores, pandeiros. Em movimento, um homem carrega uma bandeira. Outro, com facão na mão, faz sinais como se estivesse tocando, enquanto as cenas são evidentes, o som é silenciado e inicia-se um pronunciamento sobre a festa.

Seu Florentino sentado num sofá, explica sobre a festa, de forma compassada ele vai explicando a origem da festa que existe a mais de 200 anos, decorrente do movimento negro no período escravocrata. A próxima sequência inicia com um barulho e uma pequena cena do festejo da parte referente ao império, com pessoas ao redor, a apresentação se evidencia em um homem com um facão na mão e atrás deste os imperadores e demais pessoas, a frente destes há outro homem com a bandeira na mão, e este movimenta a bandeira como se fosse uma espécie de ritual de proteção, ou benção aos constituintes do império, em seguida, o homem com a bandeira faz uma menção ao curvar o joelho, trocando de lugar com o homem munido com o facão, agora este fica a frente do cortejo, e faz os rituais movimentando o facão, e o homem com bandeira corresponde com outro movimento. A cena é cortada, e temos uma senhora sentada, e começa a falar sobre a romaria, surge uma legenda que informa que tal mulher é Dona Dainda que diz:

“Conheci essa romaria que antigamente a gente só, só dançava e tocava... e tudo, a sussa, por acaso o forró era só de sanfona violão, que hoje para falar tem uma mudança muito grande”.

A sequência agora entra com as batidas e batuque regido pela cantiga e manifesta pelo movimento da sussa, em que crianças e adultos e crianças se destacam na imagem no movimento de sua cultura, mulheres dançando, homens tocando o pandeiro, a cena em movimento, se encontra em duas pequenas crianças dançando a sussa, depois um grupo maior de mulheres e crianças dançando, em seguida, temos Seu Joaquim Mochila, dando a entrevista falando sobre essa tradição festiva:

É uma tradição que veio dos meus avôs passou para meu pai do meu pai para nós e a gente vai morrer e deixar essa tradição. Tradição ela começa vez no dia seis de setembro, e hoje é catorze é o derradeiro dia da novena, esses dias, todos eles rezando a novena, amanhã tem a folia de São Gonçalo que é dia de Nossa Senhora do Livramento, ai ela gira o resto da tarde, remata e quando são oito horas, ela, a folia rematou, vamos levantar os mastros no... Na porta da igreja, primeiro reza e segundo vamos levantar os mastros, ai voltamos de lá pra cá até a casa do imperador, ai enganchemos o forrozão tempo todo ou uma sussa.

Sr. Mochila sentado ali, numa espécie de banco dentro da uma das barracas, em seu depoimento mostra-se um ser agradecido e alegre ao relatar a significância da festa, o seu rosto se configura numa expressão de importância quando se trata de falar da festa, da dança, enfim, da religiosidade.

As cenas evidenciam o som dos pandeiros, sanfonas e, notoriamente, se destacam as cenas da romaria com suas muitas luzes, com fogos de artifícios o movimento dançante dos pés empoeirados, uma demonstração de satisfação e plena alegria durante toda noite sem hora para terminar, amanhece o dia ao som do batuque.

Inicia-se após as danças, uma nova sequência que marca a metade do documentário e as cenas se intercalam em diferentes lugares, e que foram gravadas com diferentes equipamentos, mas que demonstram uma unidade temática.

A cena transmite para a transição das imagens do império, manifesta o movimento dos dois homens que carrega a bandeira e o facão, representando os rituais da festividade do império e, nessa ligação, D. Dainda explica a estrutura da festividade, desde a representação à confecção dos utilitários para a festa.

Nesse império que faz tem o quadro, tem o pai Disto que fica com o facão, tem a bandeira e tem o que nós chamamos de pai Disto que é o que conduz o facão, ai a gente começa a festa no barracão e cortando e enfeitando depois nós pegamos todos esses enfeites e vamos levar a casa do imperador ai começamos às oito horas, que é a noite para no outro dia ser feito o império.

As cenas são concentradas entre as imagens da festa e o depoimento de dona Dainda, sentada numa espécie de banco frente a uma casa. Agora Sr. Mochila fala sobre a

tradição festiva, numa das barracas de palhas ele discorre sobre a festa e relata o desinteresse dos jovens com a celebração festiva. Descrevendo que há certo desrespeito, com a festa, pela juventude. Ele fala que:

Parece que esqueceram mais da tradição, porque em algum tempo nós chegávamos aqui enquanto não fôssemos à igreja às vezes beijar um santo ninguém não colocava as barracos e têm pessoas que vem a igreja, já não falam para escutar a reza, a missa, o terço, então por isso que estou dizendo que as tradições estão mudando, mas aqueles mais velhos nunca esqueceram daquilo que Fora passado continua aquilo que foi, começou ainda a caminhar naquela estrada que temos a fazer.

Depois da fala de senhor Mochila tem-se a visualização da caminhada do Império, grupo de pessoas acompanha numa caminhada o cortejo do império, o cortejo para próximo de um arvore, e homem que carrega o facão faz as menções de movimento frente ao cortejo em seguida, vem Dona Dainda explicando a representação da festa para eles. D. Dainda fala num compasso, numa leveza e soberania, suas falas se encandeiam ao entendimento e fala da importância da festa do Império, numa pronúncia das falas embala a nós a apaixonar por essa realidade, por essa cultura que busca demonstrar alegria, que embora seja um povo sofrido pelas condições geográficas, ainda assim consegue transmitir alegria ao simples fato de entender felicidade como o prazer de fazer tradição e viver da/na tradição.

“E agora estamos com os papeizinhos cortados aí que começamos a jogar. Nós achamos que aqueles papeis como eles já foram papeis que começamos cortando tudo , nós achamos que aqueles papeis é a nossa fé, nós é temos a fé, a fé na romaria, naqueles santos, nós achamos que aqueles papeis pra quem recebe é uma benção.

Então, é assim nós de lá gostaríamos que quem tiver na roda do império, todo mundo recebe aquele papel e como uma benção do Divino ou de Nossa Senhora D’Badia que é... Assim que a gente tem como para nós uma benção que nos está abençoando aquele povo com aquele papel jogado ali.”

Enquanto Dona Dainda fala, as cenas acontecem sobre a evidência de suas falas, o povo se alegra ao jogar o papel, o que conhecemos por confeites como uma representação uma grande festividade.

A sequência passa para a romaria na capela, pessoas em pé outras sentadas entoando a cantiga, uma mulher em pé acende uma vela um altar com flores, e nisto o padre Pedro explica acerca da festa em sua estrutura, a importância destas três divindades e dinamiza a vida deste povo da comunidade, ressaltando acerca do batismo e diz:

“Os santos aos quais essa romaria durante esses dias nós veneramos, Nossa Senhora do Livramento, São Gonçalo e São Sebastião, a estrutura dessa festa, ela é evidenciada em caráter religioso, sobre tudo, onde nós temos esses três essas três devoções que dinamizam a vida na comunidade nesses dias de festas, nós temos como um ato próprio desse momento a celebração dos batizados todos os anos grande números de batizados, onde os pais deixam pra batizar nesses dias a fim de confiar a proteção de seus filhos a Nossa Senhora do Livramento, nós temos alguns casamentos nessa ocasião.”

Enquanto o padre pronuncia, é visto uma cena com pessoas se dirigindo a capela local, e uma mulher trajada de roupa de casamento e na capela o padre faz a celebração do casamento, proferindo as palavras de bênção, em consonância, há uma variante visualização de imagens da festa sendo regida ao som dos batuques e cantigas que traçam em si a caracterização de uma cultura advinda do continente africano, e ainda ao som da batida musical.

O final do documentário expõe as fotos e os títulos finais do documentário, numa tela de cor preta e letreiro em letra branca, notificando a informação de toda a produção do documentário.

3.2.1- Detalhamento da análise de imagem e som.

Percebemos que a intenção do filme Império e suas raízes foi descrever o contexto da cultura da comunidade Kalunga, a imagem do Kalunga festivo, de alegrias, crenças e religiosidades, o batuque dos instrumentos, o encantamento do dançar da sussa, trazendo o traçar da herança negra africana, passada por gerações e gerações. E diante da imagem transcrita na construção do filme, como tentativa de consolidar as perspectivas notórias na

construção do audiovisual na comunidade, mas precisamente na busca de consolidação da representatividade deste trabalho realizado.

Arguir acerca das imagens e sons atribuídos no documentário *“Império e suas raízes”* leva-me a destacar alguns trechos a fim de esclarecer o entendimento sobre a mensagem que o filme busca evidenciar. Dentre os trechos do filme, ênfase acerca das primeiras imagens do filme, aquele grupo de pessoas numa caminhada associada a uma espécie de ladainha, carregando em suas mãos - o que aqui optei de chamar de lumeeiros - que servem de claridade para os que se encontram em meio à escuridão.

A primeira cena selecionada (00’10” a 01’44’’) que reinicia o filme após as informações em tela branca, apresenta-nos a imagem de uma representação religiosa, a presença da cor preta entrelaçada nas relevâncias das chamas e a consonante caminhada daquele povo, nos faz lembrar-se das grandes manifestações religiosas visíveis no tradicionalismo católico, como também nas culturas africanas. As sequências de imagens abaixo se referem às primeiras cenas do filme *Império e suas raízes*, na qual é perceptível a verdadeira representação da religiosidade Kalunga.

O trecho selecionado tem dois procedimentos de edição: a montagem paralela entre o Ritual das oito, procissão dos membros da comunidade em torno da igreja, e a reza dentro da igreja durante o dia; e a montagem com fotos que compõe um panorama da vida social e da cultura da comunidade. A montagem paralela coloca dois momentos da celebração, dia e noite se complementam. Já a montagem com fotos amplia um entendimento do espectador acerca da comunidade. O som ambiente, presente na primeira cena e em todo resto do filme como única trilha sonora, nos remete a viabilidade da auto-representação da cultura local. Nesse trecho específico, cria uma atmosfera de paz e devoção perceptíveis nas vozes entoadas e na variação linguística local.





Figura 12: imagens retidas do filme Império e suas Raízes¹⁸.

As imagens acima representam a localidade do Vão de Almas e toda a extensão da comunidade Kalunga que carrega, em suas raízes, a predominância da cultura afro se diversifica no seu modo de ser, imperando a importância que há do jeito festivo embalado nas religiosidades e a celebração de seus santos.

O segundo trecho do filme (04'13'' a 05'27'') mostra-nos um grupo de mulheres dançando a sussa, principal dança própria dos Kalunga ocorre em todas as festas dos Kalungas e também na festa do Império, mostrando o quão são importantes para os moradores locais suas festividades.

A descrição das mulheres dançando abre a cena, filmada no período da tarde. Todo o trecho é filmado em planos de conjunto, caracterizado uma cena aberta, num local de festa.

O plano seguinte revela a significância do trecho. Crianças dançando a sussa, em cada movimento revela que essa herança deve permanecer, mostra a importância de assegurar essa cultura, quando ensinamos as nossas crianças os movimentos das dança sussa, visualizamos nas imagens a tentativa de assegurar a dança, para que ela não se perca mediante a modernidade que se adentra na comunidade.

Duas questões surgem a partir dessas imagens. Por um lado vemos que não existe nenhum estranhamento em relação à câmara como em geral em todo o filme por parte de quem está dançando, pelo fato de serem quilombolas as realizadoras do vídeo. Isso contribuiu muito para o sentimento de identificação da comunidade com o produto final. Por outro lado percebemos que a gravação ocorre de maneira pouca ousada sem busca de diferentes planos ou mesmo de se adaptar a altura das crianças, mantendo a câmara alta

¹⁸Frames retirados do filme Império e suas raízes

durante a filmagem. Podemos relacionar isso com as dificuldades técnicas desse aprendizado do trabalho audiovisual, como vemos na fala acima citada:

“Não sei se me concentro na estrada ou nos morros.”

Apesar das dificuldades a equipe conseguiu realizar o trabalho proposto dentro do projeto, ciente de que o resultado final revela também as dificuldades desse processo.



Figura 13: cenas do filme Império e suas Raízes¹⁹.

Em suma, torna-se evidente que todo esse trecho do filme representa a tentativa de persuadir e intensificar a cultura Kalunga, mostrando-nos a cultura afro-brasileira que é fortemente presente entre os mesmos, evidencia que tal cultura não se deve quebrar ou se perder da herança da cultura Kalunga.

¹⁹ Frames das cenas retiradas do filme Império e suas raízes.

No terceiro trecho selecionado, utilizamos quatro momentos: os primeiros são as entrevistas de seu Joaquim Mochila, e na sequência, as entrevistas de dona Dainda.

Na primeira parte, (05'30" a 06'31") seu Joaquim da Mochila fala:

“É uma tradição e que veio de meus avôs passou para meu pai de meu pai para nós, e nós vamos morrer e deixar essa tradição. Essa tradição começa no dia seis de setembro, e hoje é catorze é derradeiro dia de novena, esses dias, todos eles rezando a novena, amanhã tem a folia de São Gonçalo que é dia de Nossa Senhora do Livramento, ai ela gira o resto da tarde, remata e quando é as oito hora, ela, a folia rematou, vamos levantar os mastros.. Na porta da igreja, primeiro reza e segundo vamos levantar o mastro, ai retornamos de lá para cá até a casa do imperador, ai enganchemos o forrozão tempo todo ou uma sussa.”

Senhor Mochila fala numa simplicidade da linguagem coloquial, a variedade linguística da região, numa simples cabana das festas feitas de madeiras e palhoças. Nesse momento em suas falas, torna-se evidente a importância desta tradição para os moradores mais velhos da comunidade. Senhor Mochila relata a perda da tradição referente a reverência à festividade por parte dos jovens da comunidade.



Figura 14: Cena do filme Império e Suas Raízes²⁰.

²⁰Frame da cena retirado do filme Império e suas raízes. A entrevista foi realizada na cabana do Seu Muchila. Durante a festa as pessoas da comunidade fazem suas cabanas e permanecem nelas até o fim da festa.

Na segunda parte (11'42" a 13'35"), seu Joaquim mostra-nos:

“Parece que esqueceu mais da tradição porque “nalgum” tempo nós chegávamos aqui enquanto nós não fôssemos à igreja às vezes beijar um santo ninguém não colocava as barracos e têm pessoas que vem à igreja, já não falam para escutar a reza, a missa, o terço e então por isso que estão dizendo que a tradição está mudando, mas aqueles mais velhos nunca esqueceram daquilo que fora passado, continua aquilo que fora começou ainda caminha naquela estrada que temos a fazer.”

Há o desinteresse dos jovens da comunidade Kalunga para com a tradição, que devido ao êxodo rural, vão para a cidade em busca de conhecimentos e oportunidades, quando acabam aderindo outros hábitos e costumes que diferem dos costumes da comunidade, sendo assim ao retornar a sua localidade, trazem consigo a cultura urbana da indústria cultural, o que acaba por fragilizar a importância e reverência aos costumes Kalunga, trazendo alterações nos costumes da festividade.

Nota-se que há uma grande preocupação com a perda da tradição entre a juventude, talvez seja pela adoção de hábitos, práticas e valores urbanos pelos, da conhecida indústria cultural que muito tem influenciado no distanciamento de práticas tidas como credíves enfim, creio que é pertinente acreditar e fazer valer A tradição, contanto creio que é preciso reformulação enquanto visão humana, ou seja, é preciso ver a tradição de outra forma, desprender da ideia de tradição como pertinência do passado, visão de crescer, de se encontrar no mundo, e mostrar ao mundo sua existência e seus direitos.

Na terceira parte (09'15" a 09'41") Dona Dainda fala:

“O Império, fazia o império, fazia esse império que fazem hoje durante o dia, antigamente fazia um reinado a noite parecida a mesma coisa só que era a noite depois mudou para fazer o dia, ai tem império de Nossa Senhora D'Badia, tem o império do Divino”.

Dona Dainda descreve como eram os festejos na comunidade e faz uma comparação dos tempos em que viveu demonstrando ter uma vasta experiência com as festas e as relações com as pessoas que moram na comunidade, além de considerar um momento em que a comunidade se reúne para encontros importantes em que manifestam seus saberes e costumes.

Na quarta parte (3'53" a 4'12") da entrevistada Dona Dainda:

“Conheci essa romaria que antigamente a gente só, só dançava e tocava.. e tudo, a sussa, por acaso o forró era só de sanfona e violão, que hoje para falar tem um mudança muito grande”.

A entrevistada aborda um assunto de extrema importância em relação às mudanças na comunidade, sobre o fato da inserção de novos ritmos musicais na festa que atualmente são os mais apreciados pelos jovens. Isso mostra como as relações de dominação influenciam na cultura da sociedade principalmente na vida dos jovens.



Figura 15: Cena do filme Império e Suas Raízes²¹.

²¹Frame da cena retirado do filme Império e suas raízes. A entrevista foi realizada na frente da casa de Dona Dainda.

3.3 - Entre Vãos e Impérios e Suas Raízes: análise comparativa

Antes de abordarmos a importância dos documentários em nosso estudo, faz-se necessário enfatizarmos que ambos são de produção universitária, fora dos esquemas de mercado e capazes de despertar certa curiosidade naqueles que se interessam em conhecer a cultura do povo Kalunga. Contudo, os filmes partem de pressupostos e maneiras de produzir audiovisual distinto.

O trabalho da Luísa Caetano (*Entre Vãos*) é um trabalho elaborado com a intenção de término de curso, sob um olhar individual, autoral. Não pretende formar uma abordagem crítica sobre o conjunto da realidade do povo Kalunga e suas lutas constantes ao longo da história, baseando-se no cotidiano de uma família.

Em paralelo a isso, o documentário *Império e suas Raízes* é um trabalho que foi elaborado durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) por meio de um projeto de extensão com a participação direta de quilombolas. Antes de produzir o filme houve um processo de formação não somente das técnicas que compõem o filme, mas na criação de momentos de estudos e discussões no coletivo para decidir qual seria o conteúdo do documentário, e como poderíamos mostrar a realidade com uma visão crítica da nossa situação. Pensamos em abordar quais os elementos importantes desse contexto para mostrar o contraste das situações em que vivemos. A escolha em abordar as tradições dos festejos que existem na comunidade foi com o intuito de revelar como os moradores manifestam a cultura e trazem em sua memória as lutas e conquistas desse povo que historicamente foram excluídos da sociedade pela elite brasileira. O festejo na comunidade não é somente para que os turistas compareçam e se divirtam, mas revela um significado da cultura Kalunga que deve ser passado de geração em geração.

Os filmes mostram a comunidade de ângulos diferentes. O *Entre Vãos* mostra a família influenciada pelas mudanças e com sonhos e perspectivas de terem uma vida mais sociável à espera de mudanças que não dependem deles enquanto sujeitos. A descrição da vida cotidiana dos moradores quilombolas, mais precisamente dos que vivem nos Vãos de Almas e Moleque, tem-se então aquilo que chamamos no contexto do audiovisual como representação social.

O *Império e suas Raízes* também registra a vida cotidiana das pessoas envolvidas em uma manifestação cultural coletiva, enfatizando a abordagem das famílias envolvidas num processo de afirmação da sua identidade, uma espécie de manifestação dos

sentimentos revelados através do festejo, das danças, das musicas que ainda são valorizados na comunidade e que podem da mesma forma tornar as pessoas sociáveis a partir do momento em que se reconhecem como sujeitos de sua própria história.

Os colaboradores da produção do filme Império e suas Raízes, mesmo consciente das dificuldades técnicas e estéticas pertinentes na realização destes documentários, uma vez que a trajetória para concretizar essas produções foi resumida em um grande esforço diante dos contrapontos humanos e físicos, é valido ressaltar que a transmissão do documentário mostra-nos a suavidade da vida, sobre registros de felicidade diante das festividades.

Ao vermos a cenas dos documentários, vê-se a realidade desconhecida de muitos, um povo alegre que mesmo isolados do resto do mundo, ainda assim vivenciam mediante sua tradição cultural a categórica alegria das festividades oriundas de tempos passados.

A herança remota, advinda dos antepassados, de costumes herdados pelos pais, avós e bisavós, que aprenderam com aqueles que estavam fadados aos sofrimentos, que buscaram refúgios de uma vida de escravismo. No Filme Império e suas Raízes, impera a vida cotidiana dos Kalunga sobre as perspectivas de praticidades festivas, a vida em evidência de suas crenças, na dança, naquilo que felicita a vida Kalunga.

No Entre Vãos é notório que a elaboração e publicação do documentário não influenciaram na vida dos participantes com o passar dos anos.

Eu não lembro nada. Sabe, também eu nem tinha o pensamento que eu tenho hoje né!? Porque hoje eu tenho um outro pensamento, na verdade eu falava coisas que não era nem de falar sabe, saia da minha boca e sei lá! E hoje, não eu tenho outros pensamentos. Não é todas palavras que eu solto, talvez teve algumas palavras que eu falei que ela nem gostou né (risos...). Só que hoje não, hoje, eu tenho pensamento, meu pai sempre colocava nois no caminho certo (risos..) puxando a rédia, o freio (risos...), hoje graças a Deus eu não falo mais palavras pra machucar ninguém, hoje não, ave maria, não quero machucar ninguém, sempre converso com os outros igual meu pai com carinho, com educação. Não né..eu tive aquele aquela ali que o pai dele morra em Brasília eu não quero ter mais ave maria nem do cabelo bom nem do cabelo ruim (risos...).

A personagem principal do filme não compreende e tão pouco sabe explicar sua visão exposta na obra, onde ela diz que ao crescer pretendia casar com um homem branco, do cabelo bom. Enfim, percebe-se que, dentro da própria comunidade existem estereótipos que os faz internalizar a interiorização. Ou seja, os protagonistas do filme não se

reconheceram como sujeitos capazes de compreender a situação vivida do povo quilombola ao longo da história no Brasil, pois o uso desse documentário não foi para uma discussão maior dos problemas. Por outro lado, a personagem não tinha ideia de que as palavras, ditas de maneira espontânea, seriam utilizadas da forma que foram dentro do filme.

O filme *Entre Vãos*, diferentemente do *Império e suas Raízes*, procura representar a comunidade através das imagens. Vejamos qual é ponto vista da diretora do *Entre Vãos* quando fala sobre a produção do documentário:

O documentário foi meu projeto final do curso de graduação de Jornalismo na UnB. Ao longo do curso fiz estágios em jornalismo ambiental e tinha um carinho muito especial pelo tema das populações tradicionais. Unindo isso ao fato de que a Chapada dos Veadeiros, especialmente Cavalcante, ser um importante destino de descanso, lazer e encontro com a natureza para grande parte dos brasilienses, inclusive eu, surgiu a ideia de filmar a cultura Kalunga, pois seria uma forma de conhecer melhor e vivenciar o dia a dia desse povo.

Esse relato traz a evidência da visão de mundo das pessoas sobre o território como um lugar tranquilo que é mostrado como um lugar de lazer e descanso para aqueles que vivem na cidade e percebem o campo como uma distração sem pensar nos conflitos sociais, lutas e nas necessidades que aquele povo demanda.

Nas cenas as vozes proferidas mostram-nos a simplicidade de viver, mesmo em meio às extremidades da natureza, ao que se resumem as dificuldades, os difíceis acessos, limitações por entre as serras, no esconderijo Kalunga.

A comunidade Kalunga mesmo limitados ao acesso de energia elétrica, saúde e educação de qualidade, ainda assim demonstra em seus rostos castigados pela vida condicionada, a marca da felicidade ao que lhes é limitado a viver.

Na produção do *Império e suas Raízes* mostra-nos uma linguagem entrelaçada entre a imagem, às vozes e a própria trilha sonora nos convida a conhecer a realidade da vida Kalunga, leva-nos a percepção da musicalidade na vida cotidiana, um documentário que causa em nós um pensar no existencialismo humano e suas extremidades na vivência diária. De acordo com as entrevistas, é notório ressaltar que diante da realização do projeto do filme encontramos dificuldades a serem enfrentadas, seja nas condições financeiras as quais se remetem aos custos da produção audiovisual, além das limitações naturais, como é

conhecimento que a área da comunidade escolhida para a produção do documentário, contém suas dificuldades de acesso para se chegar ao Vão de Almas e Vão de Moleque.

Vejamos a fala da integrante do coletivo que construíram o Império e suas Raízes. Eriene fala sobre as dificuldades de realizar as imagens e entrevistas para o documentário:

Dificuldades tiveram muitas, com transportes e disponibilidade de recursos. O ponto negativo foi o transporte, recursos e apoio mesmo, porque acho que nossa equipe do território Kalunga, foi quem mais teve carência no apoio na produção dos documentários nesse projeto, agente não teve um acompanhamento igual às outras comunidades esteve, então eu acho que isso foi o principal ponto negativo.

Agora, o ponto positivo foi uma coisa que nós fizemos que nós sabemos que foi nós que somos da comunidade que fizemos, e querendo ou não, tem muitas pessoas da comunidade, principalmente as pessoas mais velhas, ficaram muito orgulhosas quando viram esse filme no vão do moleque até hoje tem gente que fala.

Ainda com base nas entrevistas dadas, é possível ver que todos os participantes trazem consigo uma relevância para a representatividade deste projeto, todos os envolvimento de moradores e equipe de produção, mostrando que o contato com a comunidade, permitiu adquirir uma experiência única, quando se pôde vivenciar uma realidade diferenciada, uma realidade versificada de tanta cultura.

É perceptível que, a produção deste documentário, produzido pelos próprios moradores, mostra que torna uma potencialidade para a própria comunidade, conforme é possível ver numa das falas do entrevistado Rafael Villas Boas:

O audiovisual deve ser feito por membros da comunidade, pois o que tem sido feito por alguém de fora, ou por uma empresa, inevitavelmente o ponto de vista não é o da comunidade, não o representa os interesses, o tempo, por exemplo, em Impérios e suas raízes, o tempo da câmera festejos quem estão por trás da câmera filmando deferindo aquele tempo, mas tem um segundo tempo, tempo do quanto aquelas imagens vão ser mostradas. Para quem vai ver o filme, na hora da edição ainda teve decisões tomadas de que era necessário de um tempo expandido para que as pessoas pudessem, tivessem como um espectador ver o festejo acontecer na sua frente e pensando sobre aquilo, de repente vem as explicações, então você vai associar as explicações e a imagem nele. Esse tempo quem dá é quem tem uma noção da temporalidade do local. Por isso era importante que os próprios estudantes fizessem senão não iria cumprir a proposta pedagógica do projeto.

Eu achei importante assim: uma coisa que me chamou muito atenção e que me motivou foi que seria um documentário feito por alguém da comunidade porque todos que estavam presentes. Querendo ou não, tem um vínculo com o território, com essa história então, dá um sentimento

de conquista, porque nunca tinha sido feito por ninguém da comunidade, sempre tinha sido feito por pessoas de fora que vinham e faziam o trabalho com outra visão.

Então, é perceptível que o uso do audiovisual, leva-nos a romper barreiras, pois através de um documentário, é possível levar a realidade de um povo para fora, para aqueles que não conhecem, e diante disso foi relevante o documentário ser produzido pelos próprios moradores da comunidade, pois assim eles puderam discorrer sobre a sua história conforme a visão dos mesmos.

Algo interessante dessas entrevistas é a forma como os moradores reagem ao ver sua imagem na produção audiovisual, a emoção que se tem ao ver o registro da sua cultura, registro daquilo que o Kalunga considera essencial, registro daquilo que para eles é de suma importância, que vai além de quaisquer obstáculos físicos. Em suas palavras, a moradora dona Dainda, fala como voz ativa e diz ser interessante ter o retorno do documentário para que eles conheçam o que é falado acerca deles.

Vale ressaltar que a entrevista com Dona Dainda, foi feita como um debate, pois devido ao fato de ser difícil encontra-la, aproveitou-se o momento que ela esteve na cidade, e nisso fez-se a entrevista, a qual foi escrita à medida que ela falava. E dentre as entrevistas, o seu depoimento se torna essencial, pois suas palavras revelam o quanto é importante a luta por melhorias para a comunidade Kalunga.

Em suas palavras, Dona Dainda diz que foi muito importante assistir o filme, porque já participou de vários outros documentários, mas este foi o primeiro que obteve retorno, que a partir deste vídeo, foi uma maneira (forma) de aprender a fazer cobranças, questionar, exigir um retorno de tudo que se extrai da comunidade.

Durante a entrevista a mesma questiona: como será a minha participação? Como será o meu acesso a essa pesquisa, as fotos, aos vídeos senhora Dainda, hoje questiona: para que esse trabalho? Qual a importância? Vamos poder assistir? Poder ver as fotos? Alguns jornalistas respondem que é para adquirir experiência, para aprender, questionar, exigir seus direitos?

À medida que a entrevista era realizada, perguntei a ela: a senhora já ouviu, já leu algum documentário de todas as entrevistas que foram feitas com a senhora? Dona Dainda, começou a perceber que faltava tudo isso, hoje só cede entrevista se tiver a certeza que terá um retorno. Dona Dainda só dá entrevista se ela for ouvida e se puder falar e destacar o descaso que existe do Estado com a comunidade.

Dentro disso a entrevistada conta um fato interessante ocorrido na comunidade no período da Copa do Mundo em 2014, momento em que a Rede Globo aproveita para fazer uma reportagem sobre a perspectiva da copa do mundo e entrevista os moradores do Kalunga perguntando ao senhor Albertino e o Senhor Zezinho se eles conheciam o “rei Pelé”. Os moradores responderam que não conheciam porque ele nunca tinha ido a comunidade e mostrou que não tinham energia para ver nada na televisão mostrando as lamparinas como recurso de iluminação na comunidade.

Ela conta que eles foram aplaudidos pela comunidade, pois o que percebemos é que as grandes emissoras não se preocupam em mostrar os problemas do povo e apenas demonstram superficialmente a realidade que vivem. Não trazendo os fatos como denuncia.

Dona Dainda diz que “Todos só mostram o que eles querem nas entrevistas não passam na reportagem as dificuldades, falta energia, água encanada moradia, educação escassa”.

É interessante o posicionamento de Dona Dainda, pois, tem uma visão diferenciada, ela acredita na necessidade de melhorias, relata que é preciso especializar as pessoas da comunidade, a buscar capacitação, valorizar, tantos os de fora, quanto os da comunidade, unir mais pessoas, mostra no expressar de sua voz, a necessidade de um grupo para continuar criando documentário, incentivado a comunidade, pessoas da comunidade, jovens serem sábios, se desenvolver mais, ter interesse em continuar a tradição.

Os repórteres não mostram para o mundo, para o governo, a realidade para ministro, tudo que se passa na comunidade. Falam que os pessoas vivem bem, que devem manter a tradição. Dizem que a chegada da energia elétrica acabara com a tradição da comunidade.

Isso nos mostra que as produções audiovisuais e pesquisas externas à comunidade muitas vezes não atendem a demanda dos moradores. Encontramos essa afirmação na análise do professor Rafael Villas Boas ao abordar a importância da experiência com o documentário na comunidade nos conta as reações das pessoas quando eram convidadas a participar do documentário:

Ao final do filme uma senhora que aparece em diversos momentos do filme, Dona Idalina, revela que não confiou na promessa de que o filme seria apresentado para a comunidade. Muitos quilombolas hoje em dia se recusam a dar entrevistas para pessoas de fora, pelo motivo do uso

arbitrário e sem retorno de suas imagens e do território. Há uma resistência à mercantilização da imagem, que não nega as possibilidades do trabalho com o audiovisual, pelo contrário, requer as condições de protagonismo no domínio técnico dos meios de produção, e no conhecimento das mediações entre as dimensões da estética e da política. (Villas Boas 2013, p.4).

Sobre esse argumento notamos que numa sociedade onde se têm metas para atingir, a classe dominante não se interessa em conhecer trabalhos como esse documentário que de certa forma denuncia o descaso das autoridades com os quilombolas. Uma das pretensões em recusa-lo é alegar que não tem padrão de qualidade para ser publicado. No entanto tem sido de extrema importância para as pessoas que estiveram envolvidas nesse trabalho a percepção e o reconhecimento ao valor dado nessa produção quando retornamos os resultados para os moradores.

Um ponto importante de se destacar é que o documentário poderá ser exibido sempre, quando e como as pessoas decidirem porque as estudantes que participaram da produção do documentário fazem parte da comunidade e participaram de todo o processo de produção do filme. E retornaram os resultados do trabalho para os moradores. A equipe se empenhou em transferir os meios de produção e os conhecimentos técnicos da linguagem audiovisual para que os quilombolas possam adquirir autonomia de produção. E almejam que com o passar dos anos essa experiência se amplie e traga bons resultados para a comunidade com um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi analisar os dois curtas-metragens produzidos em cursos diferentes na Universidade de Brasília, que abordaram fatos importantes sobre as comunidades Quilombolas: “Entre Vãos” e “Império e suas Raízes”.

Ao longo desse trabalho trouxemos reflexões importantes sobre esses documentários no momento em que comparamos os dois. Ao expor, a cultura e as raízes da comunidade Kalunga (Vão de Almas e Vão do moleque do Município de Cavalcante), aprendemos sobre a história e a cultura desse povo.

A análise fílmica, e os dados obtidos nas entrevistas com os moradores colaboraram com o andamento da pesquisa avançando no entendimento crítico de como se dão as relações com os conflitos existentes no quilombo que podem ser expostos por intermédio do audiovisual. Denunciando as condições precárias das escolas quilombolas, os crimes ambientais, a confrontação com os governos e entre outros diversos problemas que existem.

A análise do Entre Vãos da diretora Luísa Caetano nos trouxe a reflexão sobre a produção do audiovisual que, através da individualização dos conflitos, pouco contribui para o crescimento e nem mesmo o fortalecimento da cultura desse território. Esse tipo de produção pode inclusive se aproximar da lógica da mídia comercial de demonstração de um povo que vive num lugar isolado e que merece uma vez ou outra ser lembrado com reportagem superficiais e filmagens que mostram apenas cenas da vida cotidiana de um povo sofrido.

Como contraponto destacamos, no desenvolvimento desse trabalho, a importância do audiovisual nas comunidades rurais, considerando que a cultura local é uma das maiores riquezas que nos últimos anos tem caído no esquecimento tanto pelos mais velhos, mas especialmente pelos jovens.

Entendemos que essa anulação da identidade não é por força de vontade das pessoas, mas pelas condições sociais que exigem das pessoas as mudanças constantes na vida social, por isso abordamos na pesquisa como o documentário Império e suas Raízes mostra a necessidade do fortalecimento de cultura local, sendo de suma relevância social

que todos os quilombolas não deixem sua cultura se extinguir e percam sua própria identidade.

Concernente á isso abordamos a relevância dos dois documentários, e ao mesmo tempo mostramos a diferença de elaboração de trabalhos audiovisuais por um lado, com elementos coletivos, que podem construir uma relação social aprofundada na produção da cultura. Por outro, produções elaboradas com perspectivas fragmentadas que contribuem de forma limitada com a produção da cultura e descontinua dentro da comunidade.

Ao compararmos as produções dos documentários notamos as inúmeras contradições existentes nas relações sociais e percebemos quais as contradições das formas de narrar a história dos quilombolas, que podem até afastar das pessoas a sua identidade enquanto sujeitos.

Mediante essa experiência notamos que as duas produções partem de uma instituição que fornece cursos de diferentes práticas e ideologias. E do ponto de vista da Educação do Campo, é necessária a crítica ao sistema capitalista atuante na sociedade, pois ele impede que os indivíduos se tornem sujeitos capazes de se reconhecer como seres construtores de sua própria história.

Essa pesquisa contribui mostrando que com o audiovisual descobrimos possibilidades de ampliação desse trabalho para fortalecimento da cultura e a diferença no ensino com a linguagem audiovisual nas escolas do campo, abrindo a discussão sobre suas funções. É necessário levar à população e exigir de nossos governantes, uma proximidade maior com a cultura quilombola afro-brasileira, buscando apoios e incentivos para que possam fortalecê-la e resgatar a memória viva de nossos antepassados que, por longos anos, foram e ainda são vítimas do preconceito e racismo em nosso país. O audiovisual, como ferramenta comunicacional, pode contribuir para contarmos nossa própria história e avançarmos no processo de reconhecimento do legado do povo quilombola sendo utilizado tanto na escola quanto na comunidade.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. 2013. 75 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação no Campo).
- HERREROS, M.C. (1995). **Información Audiovisual: Concepto, Técnica, Expresión y Aplicaciones**. Madrid: Editorial Sintesis.
- MENDES, MARIA VILMA NEVES. **A Festa do Moleque: Religiosidade e Identidade Étnico-Cultural da Comunidade Kalunga do Vão Moleque** (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião). UCG, Goiânia, 2007, p. 143.
- MOTTA, Carolina Paiva. **O papel da musica na estrutura do Audiovisual em publicidade**. Brasília - DF. Uniceub (2006), disponível em: repositório uniceub. br.
- MOURA, Clovis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Editora Brasiliense 1981.
- NICHOLS, Bill. **Introdução aos documentários**. Monica Saddy (Trad.). 5ª ed. Campinas, SP: Papirus: 2012.
- OLIVEIRA, Rachel de (coord.). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília - DFMEC/SEF: 2001.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – conceito e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, Lisboa, Abril de 2009. Disponível em: <<<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>> Acesso: 24/10/2014.
- SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.
- TALARICO, Guilherme **Tradição e pós-modernidade na festa do vão do moleque na Comunidade Kalunga**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: <<http://www.odonto.ufg.br/up/133/o/guilherme.pdf>>> Acesso em: 10/08/2014.
- VIVE TV. Manual do produtor integral: **Conselhos para entrevista, reportagem edocumentário**, In: Cadernos das artes- estudos sobre audiovisual e a construção da realidade. Pontão de Cultura Rede Cultural da Terra (Org.). São Paulo, 2009.
- VILLAS BOAS. Rafael Litvin, **Império e suas Raízesé apresentado no Vão do Moleque**. Texto fornecido pelo professor Rafael em 2013.
- ZONDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus Fagundes. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Monografia Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Assis: IMSA/FEMA, 2003. Disponível em:

<<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>.>> Acesso em:
12 jul 2014

ANEXO A:

ENTREVISTAS FILME ENTRE- VÃOS

Luzeni tem 15 anos, foi protagonista do documentário Entre vãos, mora na comunidade Vão de Almas do Município de Cavalcante- GO. Ao transcrever a fala da entrevistada respeitamos a variação linguística e a linguagem cultural existente na comunidade.

1- O que você acha que mudou da época que você participou do documentário entre vãos, para os dias atuais?

Lizeni: Hoje eu falo que mudou muito, antes era muito mais difícil né? E agora, a vida melhorou muito, meu pai mesmo, eu, o meus irmãos, era melhor do que a vida do meu pai, antes passava muita precisão ele falava que era comedor, era de coco sabe... trabalhava muito e nada de dinheiro, era pouco, vinte reais era muito, um dinheirão sabia? Só que, agora, melhorou muito, agora veste bem, come bem, tem uma vida melhor, lá nem tinha transporte agora tem um monte de transporte, lá dentro as coisas melhoraram muito, agora somos todos felizes (risos).

Nós queremos muito, mas as coisas vão melhorando pouco a pouco, e não muito, mas agora graças a Deus está melhor (demonstração de felicidade, satisfeita com tudo que a vida lhe oferece hoje).

2- Qual a sua reação, o que você achou ao ver sua imagem a mais de 5 anos ? Lizeni:

Eu senti que parece... (risos) deu até vontade de chorar, eu não me lembro mais de quando a Luiza gravou isso ai porque ela não mostrou para nós, mas ficou uma graça risos..

Eu não me lembro nada. Sabe, também eu nem tinha o pensamento que eu tenho hoje né! Porque hoje eu tenho um outro pensamento, na verdade eu falava coisas que não era nem de falar sabe, saia da minha boca e sei lá! E hoje, não eu tenho outros pensamentos. Não são todas as palavras que eu solto, talvez teve algumas palavras que eu falei que ela nem gostou né (risos...). Só que hoje não, hoje, eu tenho pensamento, meu pai sempre nos colocavam no caminho certo (risos..) puxando a rédea, o freio (risos...), hoje graças a Deus eu não falo mais palavras pra machucar ninguém, hoje não, ave Maria, não quero

machucar ninguém, sempre converso com os outros igual ao meu pai com carinho, com educação.

Não né... eu tive aquele, aquele ali que o pai dele mora em Brasília eu não quero ter mais ave Maria nem do cabelo bom nem do cabelo ruim risos...

Naquele tempo você sabe, as pessoas da cidade eram mais compreensivas sabe muitas coisas, mas é muito mal educado, antes não, até eu xingava, eu mandava tomar não sei a onde, até com meus irmãos, hoje graças a Deus não, eu não brigo mais com os meus irmãos, não xingo eles. Porque antes, nem na escola não aprendia a pedir licença, pedir desculpa, agora, graças a Deus tudo mudou lá, saber pedir licença, pedir desculpas pelo que faz de errado.

3- Porque você dizia que queria casar com homem do cabelo bom, de pele branca e da cidade? Hoje, você ainda pensa assim?

Lizeni: Não tenho mais esse desejo, era bobagem, não existe cabelo ruim, existe diferente, cada um tem o seu, eu não me lembro mais disso que eu falei, era coisa de criança (risos), agora sim agora eu estou tranquila (risos...)

Quando eu via as crianças, era tão tímidas, tão quietas! E, eu, era muito atentada antes, hoje não né! Eu antes perturbava as pessoas, sei lá! Eu ficava zoando, só para ver brigando e depois eu saía e xingava né! E as pessoas da cidade não conversava com carinho com a gente, mas sempre meu pai me falava que não podia falar palavrão.

4-Você já morou fora da comunidade?

Lizeni: Eu já estudei dez meses, lá em Campos Belos, só que quando eu estudei eu já sabia tudo, eu já sabia pedir desculpas, quando eu fui prestar atenção a maioria xingava mais do que eu, falava muito mais palavrão. Porque quando eu engravidei eu fui morar lá. Eu engravidei aos 12 anos já entrando nos 13. O pai do meu filho é do Kalunga de Monte Alegre, só que ele hoje, mora em Brasília.

7- Porque você tinha essa ideia de que quem tem a pele branca era melhor que o negro? Você sofreu alguma discriminação devido a cor de sua pele?

Lizeni: Eu fico pensando que não é só no Kalunga que tem gente preta, tem gente aqui na cidade que é mais preta do que os povos do Kalunga, é porque antes eu não pensava era uma criança, até hoje eu sou uma criança, mas só que hoje, eu tenho juízo (risos...) graças a Deus.

Quando alguém me chamava de preta. Alguém da cidade tem muita mais pouca educação, tem gente que fala que não gosta de gente preta. Lá em São Jorge mesmo, teve uma

mulher lá, que falou que não gosta de gente preta, ela é kalungueira, aí eu falei para ela que gente preto às vezes é melhor que ela, que gente preta hoje não está mais passando precisão está vivendo, melhor do que gente da cidade, que come é no lixo, procurando comida no lixo, não todos né? Mas alguns, sempre é comendo bocadinho de comida dos outros, Kalunga não, agora melhorou graças a Deus, ninguém fica tomando comida dos outros cada um compra sua, não é rico não, mas não dá para morrer de fome não.

Você deseja ter a pele branca?

Lizeni: Não, eu tem uma irmã que não queria ser branca, queria ser igual a mim, aí eu falei que gente branca envelhece rapidinho, porque meu avô não é velho e ele envelheceu rapidinho aí eu falei sou preta e vou ficar conservada mesmo envelhecendo (risos...).

Hoje o que mudou na sua vida a respeito do preconceito e racismo contra os negros?

Lizeni: É..., meu professor, me ensinou que é um crime, não pode, também se alguém discriminar chamar de preta, eu posso ir e fazer um boletim de ocorrência na delegacia, não pode chamar ninguém de preto e nem de branquelo, .

Porque acreditava que tinha que casar com homem branco, e ter filhos brancos do cabelo liso?

Lizeni: É porquê, eu via um muita gente branca e eu ficava olhando, meus irmãos brancos e eu preta, meu avô branco e eu preta, e eu, valei... meu Deus! Será que tanta gente branca e eu preta! Então percebi que bom é ser diferente, não é só lá que tem gente preta, que cada um te seu modelo de ser, é igual cabelo ruim, cabelo ruim também é um modelo, sabia? (risos) era bobagem o que eu falei antes.

Hoje, você ainda pensa como antes?

Lizeni: Mudei minha visão e meu pensamento.

Este foi o único vídeo que você viu da comunidade?

Lizeni: Não eu já vi outro diferente.

Como é a relação de sua família com a autora do vídeo?

Lizeni: Sempre ela gosta de ir lá, e ela fala que adora lá, ela fala que gosta muito de lá, ela fica andando de burro com o meu pai, até os amigos dela foram para lá depois, três amigos dela, ela liga para nós direto, nós ligamos para ela.

O que você acha que deveria mudar para melhor, nos próximos vídeos?

Lizeni: Eu gostaria que melhorasse assim: que eles fossem lá, mostrassem o filme para todo mundo ver, porque filma muita gente na capela, e mostrar para todos verem, aí só mostram para alguns, para um, eles mostram para outros, eles não mostram ai alguns vêem, outros querem ver e só vêem pela metade!

Tinha que colocar na porta da igreja para todos verem, que aí todos ficam satisfeitos né?

Aí só mostram para algumas pessoas, isso tinha que melhorar!

Anizio é o pai da Lizeni, exerce a função Agente de Saúde na comunidade Vão de Almas, vice presidente da (akc) Associação kalunga de Cavalcante, liderança da associação Quilombo Kalunga. Ao transcrever a fala do entrevistado respeitamos a variação linguística e a linguagem cultural existente na comunidade.

Foi feito em qual comunidade?

Anízio: No Vão de Almas. A primeira vez que a Luiza foi lá foi Vanda que a encaminhou para mim, e apresentou a para mim, eu a peguei no funil, da outra vez que ela foi, ela foi por aqui, ela foi com alguns colegas dela, e eles ficaram lá em casa uma semana.

De onde era essa equipe?

Anízio: De Brasília

Tinha alguma pessoa da comunidade acompanhando?

Anízio: Só eu, no Kalunga, assim se chegar qualquer pessoa estranha junto com a gente, é bem acolhida mais se chegar 3, 4 pessoas brancas eles não aceitam, eu acho um preconceito! Ela disse que era pesquisa, que eram umas coisas de trabalhos nos convenceram muito.

Onde a equipe ficou alojada?

Anízio: Ficou na minha casa. Ficou de cinco a seis dias, trabalhava o dia, e ia para o rio, voltava, e ficou lá em casa.

Você assistiu o vídeo quando ficou pronto? O que achou do vídeo e da autora Luiza?

Anízio: Assisti. Achei bom achei ótimo, para começar, conhecemos muitas pessoas não conhecíamos, Foi um tempo prazeroso, fiz ótimas amizades com ela, com a mãe dela, que já veio de Brasília aqui para Cavalcante para nos visitar, a Luiza para mim é uma ótima pessoa, maravilhosa assim como os outros que a acompanhavam.

O vídeo foi feito de acordo com a realidade da comunidade?

Anízio: Realmente, pelo o vídeo que ela passou para a gente realmente foi em cima do ritmo, que nós tínhamos conversado, ela não aumentou, nem tirou, nem botou coisa a mais. Ficou de acordo com a comunidade.

O que você acha que deveria mudar nos próximos vídeos?

Anízio: Filmar alguma coisa para facilitar mais, melhorar mais, é muito corrido para quem mora lá, acostumar, mas para quem vai, podia melhorar alguma coisa até para não ficar muito cansativo, para morar lá, é bom, mas para quem não tem costume... É bom continuar, não para chegar no meu alcance não.

Onde foi feita a gravação?

Anízio: Fizemos aqui em Cavalcante.

Qual o sentimento que você teve ao ver sua imagem?

Anízio: A gente só é gente feliz, porque hoje, não vivemos escondidos, temos que procurar uma maneira para vivermos felizes, uma maneira de mantermos o nome limpo, ficamos felizes ao vermos aquela imagem sem problemas.

Às vezes podemos ter conhecimento, e temos que aprender a sermos melhores a cada dia com a família, amigos né...,e... aprender a ser melhor, hoje a gente não tem que aprender esconder é aprender a viver. Não conhecia.

Qual a importância desse vídeo?

Anízio: É bom sabe, porque lá fora, o comentário que tem lá fora é que o Kalunga está vivendo uma vida maravilhosa, sacos e sacos de dinheiro, sendo que, realmente não está acontecendo, na verdade, todo mundo trabalha, todo mundo planta roça, através de algum benefício do governo, e também que já ajuda mais.

Sobre assim, pelo o comentário Kalunga, nosso Kalunga principalmente Vão de Almas não tem nada lá dentro, não tem um saco de cimento colocado com o dinheiro do Kalunga, ai os filmes mostram a realidade, porque quando a gente chega em Goiana, o povo pensa que estamos com os bolsos mofados de dinheiro, e sabendo que todo mundo trabalha e a realidade é outra.

Qualquer dinheiro que passa de lá para cá, aqueles sabidos colocam a chupeta na boca, e coloca o dedo na boca dos Kalunga para chupar (indignação) é o que está acontecendo, pelo tanto de ver falar Kalunga tem dinheiro, de fundo de dinheiro, de tanta coisa para nós, não nos chega não tem um saco de cimento colocado com dinheiro do Kalunga lá no vão de almas!(Demonstração de decepção, frustração e revolta com a péssima aplicação do dinheiro público e desvio de verbas, ou seja, a corrupção do País).

Qual a função do senhor na comunidade?

Anízio: *Eu sou um líder*

Luísa Caetano foi idealizadora do documentário *Entre – Vãos* durante no curso de comunicação do departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, é jornalista e diretora do documentário.

1- Como surgiu a ideia de fazer este documentário?

Luiza Caitano: *O documentário foi meu projeto final do curso de graduação de Jornalismo na UnB. Ao longo do curso fiz estágios em jornalismo ambiental e tinha um carinho muito especial pelo tema das populações tradicionais. Unindo isso ao fato de que a Chapada dos Veadeiros, especialmente Cavalcante, ser um importante destino de descanso, lazer e encontro com a natureza para grande parte dos brasilienses, inclusive eu, surgiu a ideia de filmar a cultura Kalunga pois seria uma forma de conhecer melhor e vivenciar o dia a dia desse povo.*

2- Como foi a escolha do nome “entre vãos”?

Luiza Caitano: “Vãos” pois é nesse ambiente geográfico de vales e vãos onde se encontra grande parte da população quilombola Kalunga (Vão do Moleque, Vão de Almas, Vão do Kalunga). “Entre” se refere à relação com o outro, com a cidade que está simbolicamente na equipe de filmagem, nos equipamentos, em nossa presença no local, nos temas tratados e no fim do filme quando a personagem principal Lizeni fala sobre seu imaginário relacional com cidade. E “Vãos” também se refere ao vácuo, à distância simbólica entre a cidade e o Vão de Almas.

3- Vocês já tinham contato com essa família antes do documentário?

Luiza Caitano: *Fiz um contato inicial para conhecer o Vão de Almas junto à Secretaria de Igualdade Racial de Cavalcante, Goiás. Eles me indicaram um guia que é agente de saúde da região, o Anísio. Fiquei na casa de uma outra família e durante cerca de dez dias, o Anísio me levou para conhecer famílias e locais importantes na região. Tive um ótimo relacionamento com a família do Anísio, especialmente a filha Lizenir, e nos últimos dias dormi na casa deles. Na volta decidi que as filmagens seriam um retrato daquela família com o foco principal na filha que foram as pessoas que criei maior intimidade durante minha estadia de dez dias no Vão de Almas. Esse foi o primeiro contato que tive*

com a família e com o Vão de Almas. Cerca de dois meses depois, voltei ao Vão de Almas com uma equipe de cinco pessoas para as filmagens.

4- Foram bem recebidos pela comunidade?

Luiza Caitano: *Muitíssimo bem recebidos por toda a comunidades. Em cada visita à casa das famílias, recebia uma xícara de café e trocávamos muitas prosas. Filmei parte dessa visita, mas nunca assisti a esse material. Ainda está guardado e pretendo assistir em breve. Com a família ainda tenho muito contato. Conversamos sempre por telefone, acompanhamos a vida um do outro. Já os encontrei novamente em Brasília e em Cavalcante e estamos marcando meu retorno ao Vão de Almas. Gostaria de conhecer o festejo de agosto.*

5- Já conhecia a comunidade e sua cultura?

Luiza Caitano: *Conheci em minhas idas à cidade de Cavalcante e no Engenho II.*

6- Quais as dificuldades encontradas?

Luiza Caitano: *As dificuldades foram de chegada ao local com os equipamentos. E o pouco tempo de filmagens: foram apenas 4 dias. Gostaria que tivesse sido mais. A família foi muito bem receptiva com relação às filmagens. Lizenir no começo ficou um pouco tímida e não queria participar. Então filmamos a casa e os outros membros da família. Mas, nos dois últimos dias, resolveu participar de forma mais próxima e se tornou nossa protagonista.*

7- Que valores, aprendizados você trouxe dessa experiência?

Luiza Caitano: *Muitos! Foi muito rica a experiência com a família e com a comunidade de forma geral. São pessoas muito receptivas, muito amáveis e tratam você como membro da família. Tive contato com outras formas do cotidiano, outro tempo, outro ambiente, o rural. Além da experiência de conhecer e vivenciar o sentido mais nobre da palavra “comunidade”: um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns. Uma comunidade coesa que vive sob a mesma história, com normas e regras próprias no sentido estrito da palavra, local onde as pessoas se ajudam mutuamente, se associam, e estão muito mais próximas que na cidade, por exemplo.*

8 Suas expectativas e objetivos esperados foram alcançados?

Luiza Caitano: *Sim.*

9- Depois do documentário pronto vocês voltaram para apresentar a comunidade?

Luiza Caitano: *Apresentei à família e a família levou à comunidade por meio da escola que era um dos únicos locais que tem aparelho para DVD e televisão na época.*

10- Você retornou a comunidade para realizar outros trabalhos?

Luiza Caitano: *Ainda não, mas pretendo retornar para fazer outro documentário com a mesma família.*

11- Como foi a reação da família ao assistir o documentário?

Luiza Caitano: *Primeiramente, eles me afirmaram que gostaram. Mas depois confessaram que não gostaram da parte que as crianças dizem que fazem as necessidades no mato. A Lizenir disse que ficou um pouco envergonhada quando disse que queria um namorado da cidade.*

12- Qual a importância da continuidade do uso do audiovisual nas comunidades quilombolas?

Luiza Caitano: *Acredito que pode ser importante instrumento para registrar, valorizar e divulgar a cultura quilombola. Além do potencial audiovisual como ferramenta educativa e política para que a comunidade olhe para si mesma, comunique-se com outras culturas urbanas, rurais e até mesmo entre os quilombolas de diversos grupos. Acredito que tem grande potencial para levar ao público e aos governantes as reivindicações políticas, sociais e cotidianas da própria população.*

13- Onde o filme foi exibido, e qual a reação do público?

Luiza Caitano: *Em mais de 30 festivais no mundo todo (França, Portugal, Estados Unidos, Austrália, Uruguai, Argentina) e em todos os Estados brasileiros.*

14- Explique o processo de produção do filme, em suas etapas de gravação e edição?

Luiza Caitano: *Três meses para formação do projeto, pesquisa e leituras, combinação com os agentes de Cavalcante e marcação de viagem. Dez dias de pesquisa em campo com a comunidade. Um mês para escritura do roteiro de planejamento de filmagens, preparação de logística, e organização da equipe. Cinco dias de filmagens em campo. Dois meses de visionamento, montagem, edição e finalização do material.*

ANEXOS B:

ENTREVISTAS IMPÉRIO E SUAS RAIZES.

Seu Florentino 68 anos, da Comunidade Vão do Moleque, foi presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) por dois mandatos. Ao transcrever a fala do entrevistado respeitamos a variação linguística e a linguagem cultural existente na comunidade

1-O que o senhor tem a dizer sobre o vídeo Império e suas raízes?

Florentino: *Achei muito bom, muito bem feito, assim está especificado. Eu acho que é muito importante, primeiro, a gente já entendeu por gente vendo esse movimento certamente dos escravos, embora só não sei de onde eles trouxeram esse movimento, essa cultura, mais certamente veio com eles, e agente acha de importância, porque até hoje a gente ainda preserva.*

Vilmar 34 anos, presidente da associação Quilombo Kalunga, foi presidente e um dos fundadores da Associação da Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidade Rurais(EPOTECAMPO) , graduado na Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília UNB.

Vilmar: *Então, eu acho que a importância não quer dizer da chegada, eu acho assim, da chegada mais de uma forma diferenciada, por pessoa Kalunga, então, assim eu acho que é importante porque a pessoa mesmo como você e outras pessoas que estão fazendo esse trabalho, mas destacando você que é Kalunga é o olhar diferenciado né..., então eu acredito que é um trabalho bem legal para mostrar, registrar nossa cultura né..., que um dia espero que não chega esse momento de acabar, mais a gente ter um momento registrado faz parte da história da comunidade que ela existe porque tem história né..., então, eu acho muito importante esse trabalho do audiovisual e você fazendo um trabalho desse é importante.*

2- O que acha de alguém da própria comunidade fazer o vídeo?

Florentino: *Muito bom, é uma pessoa que tem interesse de saber a realidade né, não é dizer que vem outras pessoas de fora para fazer isso não, eu achei de muita importância*

vocês terem essa ideia de construir esse filme. Porque a gente via só coisa de outras pessoas de fora, que nem era concreto igual vocês estão fazendo, que ainda vocês, ainda deve aprimorara-lo, ainda que, ainda tem coisa que vocês podem muito bem buscar para aprimorar.

3- Quais os Pontos negativos e os positivos?

Florentino: *Sinceramente! Para dizer a verdade eu não achei nada negativo, por muito que não esteja bem, têm coisas que a gente mesmo não sabe para que, para o tempo a gente é novo, não sabe assim contar as coisas bem detalhadas como era antigamente, sim, se tivesse um documentário desse hoje e que esse daqui uns 100, 200 anos ele vai ter muita validade, agora já tem né.*

Vilmar: *Foi o que eu acabei de falar foi a questão da importância de ser feito por pessoa da comunidade e que respeite também em questão de cada pessoa que ali está dando entrevista né..., de quando ver que a pessoa, não que não insista, sempre pedindo autorização para a pessoa, mesmo que você sendo da comunidade para estar fazendo esse trabalho, então assim, esse é um ponto muito positivo é um trabalho com respeito dentro da comunidade. Eu colocaria a questão da continuidade que deveria ser feito, eu acredito que esse aí seria o ponto negativo, porque eu não estou vendo a continuidade desse trabalho ainda, e nem ouvi falar que vai ter outro trabalho parecido com esse, então seria o ponto negativo a questão da permanência de fazer um trabalho mais voltado com essas características que, mostram, não só essa parte que vocês mostraram mas que mostram de uma forma geral, não só do festejo mas que mostra a comunidade o dia a dia né..., quais as suas demandas, o modo de viver, o modo de ser Kalunga que falta.*

4-Deve continuar esse trabalho nas comunidades?

Florentino: *Sim, e como tem que dar continuidade, ainda tem muita coisa ainda, que vocês precisam buscar. Primeiro eu acho que vocês, deviam buscar sobre a saúde, sobre a forma das pessoas viverem, como era antes, inclusive eu dou um exemplo para você que inclusive, você não sabe; uma senhora que a pouco tempo não tem mais de 20 a 30 anos, que ela morreu por falta de cuidado, por causa que engoliu um caroço de coco macaúba, e enganchou na goela que naquele tempo, não tinha nem médico aqui, não tinha hospital não tinha nada e se tivesse também, pouco adiantava trazer porque ela era bem negra pura, pobre demais, era difícil até de conduzir. Mas, aí era uma boa pessoa, era ser humano, era uma boa senhora, ela ensinou a gente, trabalhava para gente, era boa para cuidar de serviço de casa. Então, eu acho que você deveria focar mais nessa parte da*

saúde, de ver como que o povo vivia assim só com benzimentos , que até hoje ainda tem gente que usa.

5 - Fale da importância do que o vídeo trouxe para a comunidade?

Florentino: *Eu acho de muita importância fiquei muito satisfeito de vocês ter essa curiosidade, porque a gente hoje por exemplo, a gente está vendo a gente falando uma coisa que é verdade, e que daqui alguns anos minha família verá.*

Eu acho de muito importância isso daí, isso fica na história é igual a foto que antigamente você acredita que ninguém tinha foto, inclusive eu não tenho foto do meu avô, então esse documentário é uma coisa de muita utilidade vocês raciocinaram muito bem, de fazer nas suas próprias comunidades.

6- Para você, em que foi importante a realização desse trabalho?

Vilmar: *Então, eu acho que a importância não quer dizer da chegada, eu acho assim, da chegada mais de uma forma diferenciada, por pessoa Kalunga, então, assim eu acho que é importante porque a pessoa mesmo como você e outras pessoas que estão fazendo esse trabalho, mais destacando você que é Kalunga é o olhar diferenciado né..., então eu acredito que é um trabalho bem legal pra mostrar, registrar nossa cultura né..., que um dia espero que não chegar esse momento de acabar, mais a gente ter um momento registrado né..., faz parte da história da comunidade que ela existe porque tem história né..., então, eu acho muito importante esse trabalho do audiovisual e você fazendo um trabalho desse é importante.*

Seu Joaquim da Mochila da comunidade Vão do Moleque município de Cavalcante-GO, foi presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) por um mandato e também participante do documentário Império e suas Raízes. Ao transcrever a fala do entrevistado respeitamos a variação linguística e a linguagem cultural existente na comunidade.

Joaquim da Mochila: *Minha filha eu achei muito importante, achei com respeito, achei muito bom por você ser uma menina Kalunga e ter essa possibilidade de ter arrumado essa documentação do nosso critério Kalunga. São eu, você e todas raças nossas Kalunga, achei muito bom disso, porque você foi uma pessoa que declarou alguma coisa na nossa comunidade.*

7- Fale sua opinião a respeito do filme?

Vilmar: *Muito legal, porque foi um trabalho muito diferente dos outros que eu já vi sobre kalunga, foi feito bem natural, que as pessoas ficaram bem à vontade para dar até as entrevistas também né..., por serem pessoas conhecidas, eu acredito que foi muito bom o trabalho, deveria fazer mais, foi bem legal bem verdadeiro no meu modo de ver foi bem verdadeiro esse trabalho.*

8- O que gostaria que fosse feito em um próximo trabalho?

Vilmar: *Eu gostaria que fosse feito igual eu coloquei, com mais parecnça de todo o território, não só Cavalcante, mais Teresina e Monte Alegre, fazer um trabalho pegando esses manifestos culturais mostrando um pouquinho de cada, acho que ficaria bem legal esse trabalho com essa característica e com essa visão mais aberta para não focar muito só em dois ou três romarias festejos.*

Além da cultura que parte né..., que foi colocado bem interessante a questão do manifesto cultural, mais eu acho que tem muitas coisas que deveriam ser colocadas a questão do costume, a questão de como se vive o kalunga, a questão das tradições, as roças como são feitas, o modo de viver, o modo de ser, a coletividade e a não coletividade, a questão das dificuldades, e também que eu acho que faz parte dessa luta para sobreviver dentro do território, eu creio que isso ai seria muito interessante.

9- Qual a importância da implantação do audiovisual?

Vilmar: *O audiovisual é uma ferramenta para mim é uma ferramenta que ela vem junto com a inclusão digital, porque a inclusão digital ela não acaba mais ela minimiza a exclusão social, então o audiovisual também nesse momento eu vejo ele como uma ferramenta, que possa romper barreiras, quando ele é feito de maneira certa, com o ator que esteja participando que sabe o que está fazendo, não é só você pegar uma câmara e sair filmando coisa ai, você tem que ter um objetivo principal, tem que ter um norte, então é muito interessante o áudio visual nessa questão de fazer uma coisa certa, é uma ferramenta muito importante para a transformação, principalmente das comunidades, a questão de registro histórico da luta, resistência dentro do território.*

Eu acho que tem que participar mais pessoa, principalmente os professor daquela escola, as pessoas mais velhas igual foi feito o império e suas raízes foi bom, então se ele abrir mais vai ter maior, de um longo prazo que mostra mais coisa que esse ai não mostrou muito mais, pode mostrar mais ainda. Eu acho que foi um momento muito importante para a comunidade para as pessoas que participou desse trabalho, foi um momento que eles se viu, vamos se por assim passando o documentário com eles ali, dando depoimento, falando

da sua própria história, vendo uma coisa bem verdadeira, que vocês colocou ali, as perguntas, e eles ficou bem a vontade para responder, na verdade, gravou ali eles fazendo os seus manifestos culturais de uma forma bem mais a vontade né..., por ter sido pessoas conhecida que estava gravando ali, e também eu vi muita felicidade deles ali assistindo o documentário no Vão do Moleque dia 15 de Setembro, achei muito interessante, muito bom, faltou ter no Vão de Almas um retorno para lá.

Joaquim da Mochila: *Isso é muito importante, vai chegar nas escola e mostra um filme desses para os alunos, todos alunos vão criar coragem que aquilo é uma importância da comunidade Kalunga, porque se não fosse uma importância da comunidade kalunga, quem ganha dinheiro de uns filmes desses é o povo lá de fora. Mais hoje, quem possa ganhar? Estando em nossas mãos! Porque que nós vamos soltar?... (Risos).*

10- Como conseguiram o espaço que utilizado para a realização da festa da romaria?

E como surgiu a idéia de fazer os barracos para o alojamento ao redor da igreja?

Joaquim da Mochila: *Foi doada pela comunidade, então começamos com a igreja, mais a igreja não cabia o pessoal, ai, cada um de nós tivemos aquela união de cada um fazer o barraco ao redor da igreja, quer dizer que, a igreja ficou sendo um turno, e nós fomos regulando ao redor dela para vir assistir o padre, os casamentos, os batismos, as tradições sussa, de mastros, então adquirido por nós kalungas mesmo.*

Isso fez o seguinte, eu vi dormi do lado de fora da igreja porque ela não cabia, e veio os outros, todos nós conversamos e dizemos, olha: o ano que vem, eu vou fazer uma barraca ai, entramos em união, cada um fez uma barraquinha e hoje estamos numa faixa de quase quinhentas barracas ao redor das capelas, de todas duas que nós temos.

Vilmar: *Foi pela comunidade mesmo, eles escolheu o lugar porque não tinha dono, a terra era devoluta eles escolheram aquele espaço ali, espaço sagrado para eles, onde eles se esconderam da escravidão entre serras e beira de rios. E esse espaço passou a ter dono de um certo tempo para cá, porque as terras eram todas devolutas não tinham donos. A ideia daquele barraquinho era porque as pessoas vinham para a festa e tinha que ter um ponto deles ficar, dormir esconder, guardar as coisas deles fazer suas comidas, então a ideias deles fazer aqueles barraquinhos parece até uma aldeia, mas é o modo deles viver coletivamente né..., ali, um do lado do outro e para festejar porque pra ir para a festa e voltar para casa todos os dias eles morava muito longe e muitos deles moram perto mais eles prefere ficar naquele barraquinho durante a festa para viver intensamente aquele momento que é muito importante.*

11-O senhor mochila, reclama da ausência e falta de interesse dos jovens em participar da romaria, o que você acha, concorda com ele?

Vilmar: *Ele está certinho, o que ele falou muitas pessoas hoje, ultimamente esta indo para isso só para festejar, bagunçar, não pensa mais na questão da devoção dos santos, então assim, é uma preocupação que as pessoas estão tendo e a gente vê que é necessário fazer alguma coisa, eu acredito assim: se existe forró, existe outras coisas, é porque tem a romaria, e a romaria só existe porque tem uma história. Essa questão dos santos, nós vamos lá pela a devoção, para diversão, mais primeiro da diversão, é a devoção, é a questão dos santos e muitas pessoas hoje não estão se preocupando com isso mais, eu acho muito importante essa colocação do seu Joaquim mochila, eu acredito que tem que ser feito alguma coisa eu acho que no momento dos manifestos culturais tem que parar tudo o que estiver fazendo, desligar tudo e o momento principal é estes momentos os manifesto cultural, suas tradições, o mastro, as rezas, o império. Que os jovens vêm se interessar mais por isso porque os mais velhos estão se acabando e a tendência é fraquejar mais é por isso que não podemos deixar que isso aconteça, por isso que é importante ser gravado por causa disso.*

12 - O que achou do filme ser feito por alguém da comunidade

Joaquim da Mochila: *Eu senti uma glória de Deus (demonstração de fé, transmitem imagem de satisfação, alegria, entusiasmo e esperança), porque nós nunca tínhamos assim, a possibilidade de ter alcançado um documento desse, porque falta de estudo! E hoje, já você, já declarou que tem alguma coisa de nós que vamos para frente, quer dizer que, começamos do zero, passamos para um, do um passamos para dois, para três e do três já estamos no dez! Porquê: de três para dez, já pulou demais, mas isso é uma satisfação para nós, que hoje só vive quem já está no dez, quem ainda está no zero é empurrado... rsss...risos...*

Perda da identidade falta de interesse dos jovens na continuidade em seguir a tradição local

Oh! Em primeiro de Cavalcante, no caso de dar continuação, como você está dando, eles saem para fora e esse sair, que eles saem, no caso de fazer continuação, vai ser correndo de escravo e ser escravo, quem está trabalhando para os outros, e o retorno quase nenhum taranjando né!

Então, é bem melhor a gente ficar na comunidade, sendo professor de que ser aluno na comunidade dos outros.

13 - O que acha da implantação do áudio visual, como uma disciplinar curricular para as escolas

Joaquim da Mochila: *Isso é muito importante, vai chegar nas escolas e mostrar um filme desses para os alunos, todos alunos vão criar coragem que aquilo é uma importância da comunidade Kalunga, porque se não fosse uma importância da comunidade Kalunga, quem ganha dinheiro de uns filmes desses é o povo lá de fora. Mais hoje, quem pode ganhar? Estando na nossa mão! Porque que nós vamos soltar? Rs.rs.rs.rs. (Risos).*

ENTREVISTA COM OS REALIZADORES DO PROJETO.

Webson, foi um dos organizadores do projeto audiovisual na UNB, contribuiu nas atividades formativas do curso licenciatura em educação do campo e nos projetos vinculados ao curso.

1- Como surgiu a ideia do projeto audiovisual para a comunidade Kalunga?

Webson- *Após perceber que os estudantes da Ledoc, tinham grande interesse em trabalhar com audiovisual, a coordenação do curso articulou com a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ.*

Eriene é estudante da Ledoc turma 05, uma das participantes do documentário Império e suas Raízes, secretaria da associação Kalunga de Cavalcante (AKC) e moradora da comunidade engenho II do Município de Cavalcante.

Eriene: *O início foi, aquela reunião que nós fomos lá na secretaria de educação, era o João que ia fazer o vídeo, aí ele não estava desenvolvendo o projeto, o município ia ficar de fora se alguém não pegasse né!*

Ai foi lá que Rafael falou, e João também tinha falado comigo, começou a proposta, aí a gente aceitou a proposta lá, e depois, foi quando eles vieram aqui, que foi no seminário da epotecampo, foi quando nós fizemos a oficina com o Webisom e já ficamos com os equipamentos para começarmos a gravar.

Rafael Villas Bôas é professor da área de Linguagens no curso de Licenciatura em Educação do Campo na UNB e foi um dos idealizadores do projeto juntamente com a equipe.

Rafael: *A área de linguagem da licenciatura, sempre teve uma preocupação em algumas disciplinas, pela história de tradição do trabalho de movimentos sociais. Nesse campo estético devemos não só ensinar a ver, não só ensinar a consumir, a fluir, mas ensinar a produzir. E isso é tradição! No caso do teatro, o Teatro do Oprimido tem o objetivo de transferir os meios de produção para que o próprio povo possa fazer seu teatro. É também no audiovisual porque tínhamos a história da brigada, a história audiovisual da Via campesina, do movimento do vídeo popular no Brasil no período de redemocratização e a gente percebia nas aulas de estética que a influência da indústria cultural era muito grande nas vidas das pessoas, determina padrão de consumo, determina uma visão idealizada da cidade, enquanto espaço estático, imóvel, então ajuda sedimentar a materialização do êxodo rural e era necessário que a medida que as pessoas se apropriassem dos meios de produção pudessem, mostrar pela linguagem do audiovisual, pelo teatro, por outras linguagem, o outro ponto de vista sobre o território sobre as questões positivas e sobre as contradições também, e então as pessoas tinham que aprender operar os meios.*

Primeiro devido a demonstração clara de uma vontade de aprendizado de tudo que há de possível se apropriar na universidade por parte do estudante quilombola.

Segundo por uma clara manifestação de mal estar dos estudantes quilombolas em relação ao fato de que o curso é muito voltado para o assentamento de Reforma agrária e a posição política dos estudantes dos quilombos passou a ser escutada, por uma parte de professores. Por isso a gente abriu a ideia de contemplar o máximo território da região, e como o quilombo é um quilombo que já trabalhamos como povo o Kalunga, surgiu a ideia de que tivesse dentro do projeto e que vocês pudessem na Epotecampo ter um grupo que apropriasse da linguagem e soubesse trabalhar com ela.

2- Qual o objetivo desse trabalho?

Webson: *Desenvolver nos participantes habilidades necessárias para produção audiovisual, com senso crítico e responsabilidade. Além do desenvolvimento técnico, foi trabalhada a questão do pertencimento e história da comunidade, para que o estudante conheça suas origens e de sua comunidade.*

3 - E porque deveria ser feito por membros das comunidades?

Webison: *Buscava-se um olhar interno, de pessoas que historicamente não tiveram oportunidade de se retratar nas telas. Sempre foram mostrados por pessoas de fora da comunidade.*

Rafael: *Porque o audiovisual é feito mesmo que a comunidade fiquem depois eles são aceitos por alguém de fora, por uma empresa e tal. Inevitavelmente o ponto de vista não é o da comunidade, não o representa os interesses, o tempo, por exemplo, em Impérios e suas raízes, o tempo da câmera festejos quem está por trás da câmera filmando deferindo aquele tempo, mas tem um segundo tempo, tempo do quanto aquelas imagens vão ser mostradas por.. Pra quem vai ver o filme, na hora da edição ainda teve decisões tomadas de que era necessário de um tempo expandido para que as pessoas pudessem, tivesse como um espectador o festejo acontecer na sua frente e pensando sobre aquilo, de repente vem as explicações, então você vai associar as explicações e a imagem nele,, então esse tipo quem dá é quem tem uma noção da temporal do local. Por isso era importante que os próprios estudantes fizessem senão não iriam cumprir a proposta pedagógica do projeto.*

Achei muito importante assim: uma coisa que me chamou muito atenção e que me motivou foi que; seria um documentário feito por alguém da comunidade porque todos que estavam ali; querendo ou não, têm um vínculo com o território, com essa história então, dá um sentimento assim; de conquista, porque nunca tinha sido feito por ninguém da comunidade, sempre tinha sido feito por pessoas de fora que vinha e fazia.

E, todo mundo que participou fora os professores da UNB com a parceria da epotecampo, era muita gente do território, e nós que fizemos o documentário que filmamos todo mundo, tinha uma relação com a comunidade.

Eu acho que, de início foi uma boa idéia, mas só de início, porque parou por ai, estaguinou! Eu esperava que fosse continuar, não ter um retorno só do filme pronto, mais que fosse continuar fosse ter um trabalho desenvolvido com pelo menos alguma das comunidades com apoio da universidade.

4- Houve ajuda de custo, recursos para arca com as despesas?

Webison: *O projeto foi financiado pela Secretária Nacional de Juventude.*

Rafael: *é tinham as bolsas estudantes quer por ser um projeto que passava por dentro da estrutura democrática da UNB tinha hora atrasava, e tudo que não foi, fugiu ao nossa, ao nosso comando, diferente por da residência agraria, em que o manejo, o recurso*

porque tava no capital corporativo e em meu nome , então não passa por dentro, e fora isso eventualmente quando tinha sida das equipes de produção a gente conseguia bancar a uma estrutura , mas por exemplo equipe do quilombo por um período ficar sem condições de percorrer as comunidades porque não tinha recurso para isto, então foi o primeiro projeto que a gente aprendeu que no momento da produção do filme, ai era necessário a gente ter um planejamento melhor em logística para a garantir uma cobertura da filmagem mais adequada a necessidade do filme.

5-Que órgão patrocinou todas as despesas?

Webson *Secretaria Nacional de Juventude*

Rafael: *A secretaria nacional da juventude e o ministério das comunicações do governo federal da DK.*

6- Como foi a seleção da equipe que realizou o documentário Império e suas Raízes?

Webson-*Foi feita a apresentação do projeto para os estudantes da Ledoc, moradores das comunidades Kalunga. Os que demonstraram maior interesse foram selecionados.*

7- Toda a equipe correspondeu às expectativas do objetivo do documentário?

Webson: *Inicialmente percebemos que nem todos estavam engajados com se esperava. Faltava iniciativa e tinham uma dependência exagerada da coordenação. Isso com o tempo e após as oficinas de formação foi sendo superado e os estudantes foram se tornando cada vez mais protagonistas.*

Tivemos vários casos de estudantes que foram além das expectativas, tomando iniciativa indo além do esperado.

Rafael: *Entre a equipe mesmo, bom foram diversas porque eram seis núcleos de produção , dos seis núcleos um grupo que era do grupo do Oziel não avançou porque a ideia era que o estudante da Ledoc não trabalhasse sozinho , era que ele formasse um coletivo na comunidade, isso em alguns casos deu certo , devido os problemas de bolsas e também às vezes a gente não tinha relação de alguns, grupinhos com pouco utilitários, se tiver bolsa eu faço se não tiver não faço, também não vou empenhar em garantir a realização disso para outros meios , parecia que era filme uma coisa meio confusa porque era lógica da indústria cultural, a ideia do filme (?)é o meu filme, é o filme da comunidade eu sou mediador, eu sou atleta, teve um pouco essa discussão, os pedidos que a coordenadora fez, de tematização de reflexão de só disso assim, vieram os trabalhos práticos, filma lá e traz para gente ver na...no laboratório dai a gente via as imagens, discutia então a parte de reflexão, essa parte não foi rap legal, mas é difícil generalizar*

porque eram 5 grupos de produção na fase de fazer o filme, então cada grupo teve um pouco uma certa especificidade assim teve o daqui foi o que mais fluiu, assim em respeito da, distância das três integrantes de física e foi um dos que mais deu certo, assim vamos fazer, vamos vinha o Webson filmava e tal em vocês foi mais fácil assim ter grupos assim, teve grupo que teve conflito como INATER teve conflito no... entre a direção e a pessoa que estava fazendo o filme, sobre o que mostra no filme porque teve lugares foi um pouco tenso tudo assim.

Edinamar foi uma das participantes do documentário Império e suas Raízes, egressa da Ledoc Turma 3, da comunidade São Domingos do Município de Cavalcante-GO.

Ednamar: *As dificuldades como em todo trabalho coletivo seria a falta de comunicação, ou seja, rompendo o conceito filosófico da palavra coletivo. Como ocorreu na apresentação do documentário em uma das comunidades, como já citei em um relatório e volto a mencionar. Sendo um trabalho coletivo jamais poderá ocorrer um erro gravíssimo como aconteceu na apresentação do documentário na comunidade Vão do Moleque, mesmo não estando presente, mas devido um texto produzido sobre o que ocorreu e alguns relatos que ouvi, onde queriam apresentar em um momento inoportuno para a comunidade sendo que literalmente atropelaria a cultura local, ao contrário do que buscamos no documentário. Isso só deixa claro que não conhecem ou de certa forma é contraditório tudo que ouvimos na Universidade em relação a preservação, ao respeito a cultura e tradição dessas comunidades.*

8-Como foram recebidas na comunidade?

Eriene: *Bem muito bem.*

Ednamar: *Fomos bem recebidas, até porque já conhecíamos muitas pessoas as quais entrevistamos, ou seja, esse vínculo não foi criado apenas pelo projeto, mas não descarto que o mesmo sirva para fortalecer essas raízes. Na comunidade Vão do Moleque acampamos na beira do rio, perfeito e inspirador. Já na comunidade Vão do Moleque fomos acolhidas no acampamento de Josias e Odalice, maravilhoso também.*

9-Onde vocês ficaram alojadas? E por quanto tempo?

Eriene: *Haaa...! (risos) acampamos em barracas, no mato próximo ao rio! Durou uma semana no Vão de Almas, eu não fiquei bem no Vão do Moleque, mas foi uma semana também, só que, o trabalho em si, durou muito mais tempo, ele começou em agosto, quase três meses, a gente em ação mesmo foram uns três meses.*

10-Em quantas comunidades vocês fizeram as gravações? O que achou de importante?

Eriene: *Em duas comunidades.*

Ednamar: *Esse trabalho foi realizado em duas comunidades, sendo o Vão de Almas e o Vão do Moleque. E participei desde a discussão do que iríamos fazer até a finalização, ou seja, na elaboração do roteiro, nas entrevistas realizadas com as pessoas das comunidades Vão de Almas e Vão do Moleque, como também as filmagens realizadas nos festejos das respectivas comunidades.*

11- Fale em geral todos os pontos negativos e os pontos positivos do início a conclusão do projeto?

Webson: *Pontos positivos: Envolvimento dos estudantes e da comunidade; Envolvimento de uma parte considerável da equipe técnica; Desenvolvimento dos estudantes; Filmes concluídos; kit de filmes; apresentação dos filmes nas comunidades; Aprendizagem dos estudantes e da equipe técnica.*

Pontos negativos: Não envolvimento de pequena parte da equipe técnica e dos estudantes; Distância e dificuldade de acesso a algumas comunidades; Poucos recursos financeiros para fazer mais visitas e oficinas nas comunidades; Não ter desenvolvido material didático de apoio (cartilha, apostila...).

Rafael: *acho que ponto positivo foi ter feito uma experiência de produzir cinco filmes que é uma experiência perpassada pelas discussões de que nós queremos, nós queremos um filme para festival ou, ou o fundamental é o produto ou processo, e a todo momento em discussão voltava de uma maneira muito tranquila e a experiência dos integrantes era bem diversificada, você tinha desde um biólogo que trabalha com educação ambiental que claramente usava os filmes como processo até um documentarista profissional como Webson que têm níveis de filmes que vão para festival e essa tensão e outro documentarista a Adriana que já produziu vários documentários.*

Então essa tensão acabou sendo boa porque obrigava a gente a pensar diversas formas diferentes, assim porque você não pode ter um filme sem qualidade nenhuma porque senão as pessoas não vão ver, ontem, por exemplo, o diretor da FUC, o que ele elogiou do filme inicialmente além do conteúdo foi a qualidade da imagem, você faz um filme sem qualidade e pra quem? Só pra quem fez então tem circular, as pessoas têm direito de ver uma coisa boa, bem feita e tal, super pouco positiva acho que..., não, não pelo produto,

mas pelo processo, assim, olha conseguimos produzir o que mostra que isso pode ir adiante se a gente pensa como aprofundar, com ampliar essa, esse trabalho.

Ponto negativo que assim eu acho que foi uma experiência, assim, por conta da logística financeira do projeto, desses entraves, impasses que teve isso atrapalhou e acho ponto negativo é que o saldo do projeto não foi à criação com autonomia dos conectivos como que a gente imaginou se você olhar hoje e acho que MLT em residência agrária, mas fora isso você não mais que o bom coletivo está formado, estamos escrevendo projeto para conseguir comprar equipamento, então tenha um objetivo do projeto que não se cumpriu ainda!

Por exemplo, aqui é a terceira exibição, também é cedo dizer se a experiência, você não sabe se vai para frente, se vai para frente, acho vocês podem muito bem pela epotecampo entrar construir um projeto, conseguir um recurso, pagar documentários pra vim dar oficina pra vocês, então acho, não acabou o próprio Webson que não trabalha mais com a gente, o Filipe, teu orientador.

Eriene: *Dificuldade teve muito, com transportes, disponibilidade de recursos teve muito. Negativo foi igual eu falei foi o transporte, recursos e apoio mesmo, porque acho que nossa equipe do território de cá, foi quem mais faltou, que teve mais carência no apoio fomos nós, agente não teve um acompanhamento igual às outras comunidades teve, nem perto do que as outras comunidades teve, então eu acho que isso foi o principal ponto negativo.*

Agora, o ponto positivo foi: uma coisa que nós fizemos, que nós sabemos que fomos nós que somos da comunidade que fizemos e querendo ou não, e que têm muitas pessoas da comunidade principalmente as pessoas mais velhas, ficaram muito orgulhosos porque; quando foi visto esse filme no Vão do Moleque até hoje tem gente que fala, faltava ter levado para o Vão de Almas que a parte do apoio logístico da universidade que faltou, porque nas outras comunidades foi.

Edinamar: *E como ponto positivo destaco essa ferramenta como ensino-aprendizagem, e já podemos ver isso nítido em algumas e o entusiasmo dos jovens em levar essa ferramenta para as comunidades, seja fazendo filmagens que narre o processo de diversas ações dos mesmos e até mesmo por participarem sendo filmados. Já como negativo seria a parte em que as comunidades envolvidas nem sempre tem retorno, e com isso reforça a ideia de “objetos de pesquisas”, como sempre foram ao longo do tempo.*

12 - Qual foi a sua contribuição para o sucesso desse trabalho?

Webison: *Colaborei ministrando oficinas e visitas às comunidades. Auxiliei na edição dos filmes.*

Rafael: *Eu não, eu só tinha visto o filme em que essa devolutiva acontecia, eu não tinha participado de um filme e mesmo que na elaboração do projeto, não diretamente, eu não tinha, então a ida para o Vão do Moleque, foi excepcional, foi tudo, porque é uma experiência, a equipe montando toda a estrutura percebo, a equipe negociando o horário da exibição no meio do festejo, a comunidade parada vendo o filme na parede da igreja que era o centro dos festejos, as imagens, as fotos que estavam no filme, isso foi excepcional, foi, acho que isso representa uma conquista do... É um fruto do direito do quilombo, é como se o quilombo estivesse dizendo, olha nós temos o direito de produzir, olha eu vou te dar, não é que há a fulgência cultural que foi, teve praticamente autonomia total da produção o grupo de capoeira local 02, pois havia muitos de fora, de Angola, mas o outro daqui, sussa daqui, o teatro do quilombo, filme do quilombo, quer dizer que isso é uma demonstração de força.*

É uma demonstração de que o quilombo não está interessado em não ser representado por um pouco disso externo a ele, o quilombo está dizendo que tem condições de se auto representar, se auto representar politicamente, esteticamente, nos pleitos judiciais e as relações políticas com diversos segmentos com município, com estado, com governo Federal, o quilombo está negando aquela condição de carência com que as pessoas atribuem assim o prefeito de outro dia de uma das cidades disse assim ah eu vou recuperar a filantropia, porque acho que é um valor e acabou e eu vou... Quer dizer um prefeito branco que é fazendeiro que tem como proposta para relação com o quilombo à filantropia é um prefeito que não é que não entendeu que tem um ponto de vista da história que é o da história dos que dominaram dos que dominam, quando o quilombo começa a produzir, ele está dizendo que não vai mais aceitar isso, e as novas gerações vão ter em vocês a referência de quem começou a produzir filmes a partir do quilombo, pelo próprio quilombo, isso muda, porque vocês passaram a ser inspiração para eles, não é a equipe da UnB da UFG, de se La onde quem vem, que fica um pouquinho na comunidade faz o filme e vai embora, mudou a relação.

Eriene: *Foi boa, eu conheci o vão de almas que eu não conhecia, eu pude ir a casa de parente familiares que eu nunca tinha ido lá na comunidade, que eu sabia que era da*

mesma família minha, que eu só via quando estava aqui na cidade ou quando eles mesmo ia no Engenho, porque eu ir lá na comunidade era difícil.

Eu nunca tinha ido e também nunca tinha visto a romaria, e também a romaria vista pelos nossos olhos, pelo o olho de alguém que tem a mesma tradição, vamos dizer assim; ela é diferente..., querendo ou não, eu aprendi um ouço sobre a romaria as crenças, Sobre a comunidade sobre a história da comunidade em si. A partir do momento que a gente conhece a história do nosso povo das nossas raízes, com certeza sempre vai servir, tem um significado importante.

Edinamar: *Foi uma experiência que me trouxe muitas aprendizagens, e despertou o interesse no resgate e valorização da minha origem, as quais pretendo um dia colocá-las em práticas.*

13 - Deseja continuar com o projeto?

Webison: *Sim. Foi uma experiência muito importante para mim. Sim. Sugiro uma carga horária um pouco maior. Com mais oficinas e acompanhamento dos estudantes nas comunidades.*

Rafael: *Só houve em uma, como foi gravado em duas comunidades, só houve no Vão do Moleque, o pessoal ficou muito feliz eu acho que eles não esperavam que fosse ter retorno igual, nunca tinha, faltou uma das comunidades. Eu acho que deveria fortalecer o coletivo de produção local e fortalecer o domínio no processo de edição e pensar uma maneira de que a compra de equipamentos ficasse na comunidade, um projeto do ministério, um projeto que quem entrasse no projeto não seria universidade porque se a universidade entra com projeto e equipamentos tem ficar pra universidade, mas um projeto que permitisse necessita da gente ficar olhando os editais da lucine da produção de filmes e tal. Que possa ser comprado esses equipamentos. Após o retorno desse trabalho a comunidade como você analisa essa iniciativa Após trabalhar o projeto na comunidade, a eu acho que há uma clara demonstração de força que o que eu acho que falta ainda assim Sideni, a etepocampo se dar conta de que ela precisa ter um projeto, não um projeto papel e encaminhar, um projeto no sentido de um rumo, uma linha estratégica do que ela quer com os próprios contratos, com o audiovisual, porque precisa ter um projeto, olha isso aqui importante para gente, então se é importante para gente o que nós vamos fazer com isso? Isso precisa estar claro, se não tiver, é um programa porque a coisa não, ela fica espontânea, ela fica assim teve projeto teve uma vez, daqui a pouco se der certo faz de novo, mas não organiza as sequências e se você sai vai trabalhar fora,*

fazer um curso quebra então, se é da atribuição individual às vezes a coisa cai porque não está na linha estratégica da organização, então falta essa clareza ainda de um amadurecimento de parar e olhar, olha nos que estamos fazendo, o filme não foi ninguém de fora foi a gente, vamos ver que riqueza é essa, acho que ate agora na plenária era bom a gente começar a perguntando o que acharam do filme e da peça sabe.

14- Como foi pra você ver a reação das pessoas ao assistir o documentário?

Webison: *Fiquei muito contente e surpreso com a aceitação da comunidade. Eles elogiaram bastante e deram várias sugestões de outros temas que poderiam ser transformados em filme. Sentiram-se valorizados, respeitados e felizes por seus filhos, netos, amigos terem feito um filme.*

Eriene: *Só houve em uma, como foi gravado em duas comunidades, só houve no Vão do Moleque, o pessoal ficou muito feliz eu acho que eles não esperavam que fosse ter retorno igual, nunca tinha, faltou uma das comunidades.*

ANEXOS C: PAINEL DE IMAGENS DO VÃO DE ALMAS





